

MULHERIO

ano IV, n.º 19
São Paulo
nov./dez. 84
Cr\$ 2.000,00



Ariindo Machado



juvens
**ROCK,
TRAMPO,
MITOS E
AFETOS**

E mais:

POLÍTICA - **Delírio maternal** - pág. 3

MENSTRUACÃO - **Nosso sangue
derramado** - pág. 16

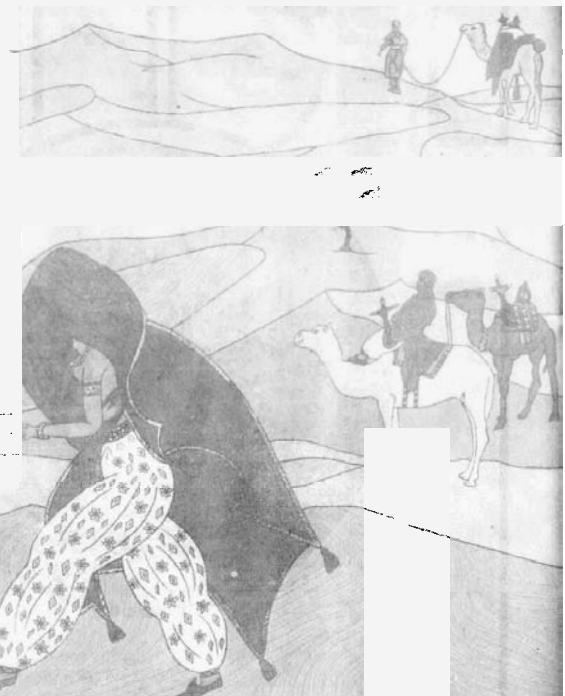


Prezada Vera,
Desde que recebi sua carta, semanas atrás, estou na expectativa da chegada dos 40 exemplares de **Mulherio**. So que ate hoje Nada! So recebi o meu exemplar, que foi lido e relido imediatamente, de primeira à última página. Você pergunta o que tenho achado do jornal. A questão é que me considero suspeito pra falar: acho ótimo! Leio tudo, até os anúncios. Admiro o trabalho de vocês, a qualidade e o nível das matérias, a sempre oportuna escolha dos assuntos, e tudo o mais. Acho o jornal gostoso de ser lido, bem diagramado, com boas fotos e faço sua propaganda o mais que posso.
Só teve uma pequena matéria nesse último número que eu não concordei e faria alguns reparos. Foi no comentário de Edmir Perrotti sobre o livro **Procurando Firme**, de Ruth Rocha. Ele acha que o texto coloca a princesa apenas

seguido um padrão masculino "querendo ser como o príncipe", o que não é verdade. Ha, isso sim, a busca pela menina de independência, auto-confiança, aventura. Não é nossa culpa se até então só aos homens (príncipes) eram permitidas essas conquistas. Concorde? E, claro, é necessário a mulher se "armar" ou se preparar para conseguir chegar até lá.
Trabalho já há alguns anos com Literatura Infantil e, se estou sempre mostrando os livros que repetem estereótipos femininos ou que reforçam os tradicionais "papéis" femininos e masculinos, chamo mais atenção ainda para os outros livros que, felizmente, questionam esses mesmos papéis, e dão destaque à nova mulher. Um grande abraço para você e toda a equipe, da

Constância Lima Duarte, Natal, RN.

Recebemos cartas nos chamando de Mulheril, Mulherico, Mulher. Nos chamem de qualquer jeito, mas continuem escrevendo pra nós em 85, ano em que se encerra a década da mulher — pela ONU. Pra nós, nada se encerra. Ao contrário, MULHERIO deseja a suas leitoras, e leitores, a todas e todos que colaboram com o jornal, a todas e todos que escrevem cartas incríveis como essas aí de baixo um 1985 muito pra cima!



Por favor, gostaria de saber porque os homens não vêm fazendo a assinatura do Mulherio também. Espero o próximo número. Abraços e beijos feministas,

Eva Ganc, Rio de Janeiro, RJ

Tenho 56 anos e, como integrante do Grupo da 3ª Idade SESC-Santos, sempre me interessei em valorizar a importância da atuação da mulher na sociedade. Atualmente, lutamos em favor da valorização do idoso, em especial ao papel da mulher nessa faixa etária, que devido a idade e a propaganda consumista, não "recebe" o valor que lhe é direito como ser humano que é.

Izabel Garcia - Santos - SP.

Recebi há algum tempo uma carta enviada por vocês e nela a promessa — até hoje não cumprida — de enviar-me alguns exemplares para vendas avulsas (se o fizerem, suponho que algum machista exacerbado os tenha retido...). Para demonstrar meu apoio, continuei a divulgação, contando com UM EXEMPLAR (o da minha assinatura!) e meus parcos poderes persuasivos. Resultado: ainda consegui essas assinaturas que encaminho. Em tempo: OLHEM PARA O ACRE! Abraço para todas e continuam como são: bonitas e lúcidas,

Homero Costa, Rio Branco. Acre

Caras parceiras,
Recebi com atraso os dois primeiros números da nova fase; terceiro já chegou. Fico



O visual do número 17 está muito bonito e, mais bonitos ainda, estão os assuntos. Só teve um probleminha, não recebi o meu exemplar de assinante, recebi apenas aqueles dez para serem colocados nas bancas. Gostaria que vocês dessem uma olhada para ver o que aconteceu, certo? No mais, tenho batalhado por novas assinaturas e em breve envio mais notícias. Um

Luiza Horn Iotti, Caxias do Sul, RS

Querido Mulherio,
Todos os jornais que vocês me mandaram eu distribuí entre amigos que gostam de ler, meu marido levou na Faculdade de Direito de Franca (onde ele cursa o 2º ano) e eu dei um na banca e o cara ficou de resolver.
Para ser sincera, eu não fiz tudo por vocês, como eu gostaria, apenas e exclusivamente por acúmulo de tarefas.
Minha vida (como de todas nós) está uma loucura: casa para cuidar, comida pra fazer (pois o pessoal é faminto e exigente), duas crianças lindas que preciso ajudar, orientar em todos os sentidos e acima de tudo quero curtirlas e amá-las como merecem. Ainda bem que a minha ajudante é uma gracinha, inclusive cursa o 2º nor-

mal, reflexo descarado da "crise".
Leciono à tarde para o Pré (garotos fantásticos: os "ditos" carentes), com os quais eu tenho uma ligação afetiva enorme e tento passar a eles a sementinha de consciência, da responsabilidade e do questionamento necessário para que eles permaneçam na escola (1ª atitude corajosa) e dela saiam com mais base e consciência para enfrentar essa selva.
Ainda vendo roupas para uma boutique daqui e com isso eu ajudo mais no orçamento e ainda ando bonita e gostosa, como eu gosto.
Viram? É uma luta brava, mas formidável! Por isso não fiz tanto pra vocês, pois desde que eu me interei deste mulherio formidável,

não quero que ele morra: coisas boas devem permanecer.
Sugestões: aprofundem mais em todos os assuntos abordados — vão fundo mesmo; temas de psicologia: aplicados à educação, à casa ao amor, etc; temas políticos, em todos os níveis.
Que o jornal tenha o objetivo claro de alertar, mexer com nossas cabeças, denunciar absurdos, nos propor caminhos mais arejados, abertos, lúcidos, porque estamos mais ou menos perdidos; ou simplesmente compactuarem (nos mostrando fatos) conosco dessa perplexidade em que nos encontramos.
Será que ajudei? Podem contar comigo! Torço por vocês.
Maria Imaculada de C. Freire — Passos - MG

PONTOS DE VENDA DO JORNAL - MULHERIO

- LIVRARIAS**
- SÃO PAULO**
- Best-Seller - R. Bela Cintra, 1478
- Brasiliense - R. Barão de Itapetininga, 96
- Brasiliense - R. Oscar Freire, 561
- Capitu - R. Pinheiros, 339
- Contemporânea - R. Arapanês, 662
- Cortez - R. Bartira, 387
- Cultura - Av. Paulista, 2073 - Conj. Nacional
- Kairós - Av. Paulista, 2650
- Dois Cidades - R. Bento Freitas, 158
- Livre - R. Armando Penteado, 44
- Pagu - R. dos Ingleses, 209
- Parágrafo - R. Bela Cintra, 2173
- A Porta do Livro - R. Madre Cabrini, 36
- S&R - Al. Lorena, 1326
- Todavia - R. Bela Cintra, 1237
- Vozes - R. Haddock Lobo, 360
- ARACAJU**
- Corel - R. CF s/n
- PORTO ALEGRE**
- Palmarina Ltda. - R. Gen. Vitorino, 140
- BRASÍLIA**
- Galilei - CONIC
- RIO DE JANEIRO**
- Eu & Você - R. Constante Ramos, 23-B**
- Dazibao - R. Visconde de Pirajá, 571-B**
- SALVADOR**
- Literarte
- UBERLÂNDIA**
- Pro Século XXI Ltda.
- GRUPOS DE MULHERES**
- BRASÍLIA DF - Brasília Mulher
- CAMPINAS SP - Coletivo Feminista de Campinas**
- CUIABÁ MT - Associação de Mulheres de Mato Grosso
- CURITIBA PR - Movimento 8 de Março
- FORTALEZA CE - Grupo 4 de Janeiro
- Goiania GO - CEVAM Centro de Valorização da Mulher
- LINS SP - Mulher Libertação
- MACEIO AL - União de Mulheres de Maceio
- PORTO ALEGRE RS - Grupo Feminista Gêmina
- RECIFE PE - SOS Corpo
- SANTA MARIA RS - Grupo Feminista Germinal
- SÃO PAULO SP - Centro Informação Mulher

MULHERIO

Colaboraram nesta edição, além dos que assinam as matérias: Albertina Costa, Centro Informação Mulher, Flora, Leda Back, Maria Lucia Mott, Patricia, Sandra Albuquerque.
Estágio: Ivany Buzzo.
Equipe: Adélia Borges, Cecília Simonetti, Ethel Leon, Fúlvia Rosenberg, Inês Castilho e Vera Soares.
Edição de Arte: Marlene Rodrigues.
Jornalista-responsável: Adélia Borges, registro MTB 10.680, SJPSP 4549.
Editado por: Núcleo de Comunicações Mulherio, rua Amália de Noronha, 268, Pinheiros, 05410, São Paulo, SP, Brasil, fone (011) 881-0081 e 34-9642.
Impressão: Companhia Editora Jorúds, rua Artur de Azevedo 1977, Pinheiros, São Paulo, SP, fone 81-4999.

MATÉRIA AMADA

POLÍ
tica

SALVE SALVE!

Já faz tempo que MULHERIO quer falar de política. Não apenas da política tida como das mulheres, aquela que se faz no cotidiano, na batalha por creches, nas discussões de saúde, no debate das leis discriminatórias. Não apenas contar das parlamentares mulheres ou dos deputados e vereadores que, aqui e acolá, vão propondo mudanças, assumindo as reivindicações femininas.

Queríamos falar da política institucional que está aí diariamente na televisão, nos jornais, no rádio. Queríamos saber como algumas mulheres enxergam a sucessão presidencial, seus candidatos e, para isso, pedimos a várias desenhistas que apresentassem sua versão gráfica do tema. E deu para perceber uma coisa: essa história de sucessão não dá tédio em ninguém, além daqueles diretamente envolvidos no assunto.

Agora tem mais: MULHERIO é um jornal sem vínculos partidários. Convivemos com: peemedebistas, petistas, pedetistas, anarquistas e agora até humanistas — estamos nos referindo ao recém-criado Partido Humanista, preocupado em atingir prioritariamente os jovens e as mulheres. Como falar de sucessão, então, sem ferir bríos político/partidário/ideológicos? Nossa idéia era publicar o debate, vários ângulos, estimular a polêmica.

E aí pintou um lance interessante. Na medida em que discutíamos com colaboradores, fomos percebendo o quanto havia de figuras maternas nesse jogo. Na ilustração da Roberta aqui do lado, nas histórias do Paulo Maluf e sua mãe, no depoimento da mãe de D. Sylvia Maluf, na imagem que o Mouzar criou para o PMDB, mamãe, na resposta da Verônica, não chora, filhinho...

O que é, no mínimo, curioso. Porque lembra a gente várias análises do pessoal de antropologia que dizem mais ou menos o seguinte: como aqui no Brasil as instituições públicas são fracas e não servem de referência para comportamento de ninguém, o que acaba valendo são figuras saídas do universo familiar. Sobretudo a mãe. Xingar a mãe de alguém é bem mais pesado do que chamar esse alguém de corrupto, oportunista, entreguista ou xenófobo. Agnaldo Timóteo que o diga. (Ethel Leon).



DEPOIS DOS COMERCIAIS: ...A DEMOCRACIA

Emir Sader

"Governar é fazer crer", segundo Maquiavel. E, em plena civilização das imagens, fazer crer é vender imagem, produzir-se bem, maquiagem as rugas e o passado, esbanjar confiança, deixar-nos tranquilos. Para Benedito Valladares, o decano dos nossos maquiáveis mineiros, "o que interessa não é o fato, mas a versão". O que é uma forma de abrir o espaço que media entre o que acontece e o que se sabe, e de dar-lhe um nome: **versão**, que hoje é sobretudo **imagem**.

A política sempre foi assunto de políticos, como a cozinha lugar de mulher e a questão social, caso de polícia. A televisão foi consolidando tudo no seu lugar, agora a domicílio, sem a gente ter que se importunar em dias de chuva. Em todos os países, até as eleições — um festival de democracia, a cada tanto tempo — foi deixando de ter que ver com povo nas ruas, com comícios, passeatas, para se transformar em grande espetáculo de televisão, em objeto de contemplação, de longe, sem cheiro de povo, desde desinfetados estú-

dios de televisão para tranquilas salas de visita ou de jantar, não para o "povo", mas para a "família", célula mater da democracia televisiva. Nunca fazer política foi tão reservado aos profissionais competentes do ramo, governantes de um lado, governados do outro, como convém para que tudo funcione direitinho.

Política na rua ou em estúdio

"A política está para 1984 como a Copa do Mundo esteve para 1982 e a recessão econômica para 1983", diz um dos responsáveis pelos inúmeros e chatíssimos programas de entrevistas políticas na televisão, de onde só se salvam mesmo gente que não é bem do ramo — Fernando Henrique Cardoso, Lula, Gabeira. Sintomaticamente a Globo, com 2/3 da audiência, é a única estação que não apela para esses pastelões. Vai no popular: Charles Bronson, filmes de terror, bang-bangues, ciência-ficção. Tudo iria bem para os direto-



Anna Maria Marques



res de produção do nosso imaginário, se estivessemos em 1981.

Acontece que houve as eleições de 1982 e, principalmente, a campanha pelas eleições diretas. Ai tudo isso parece anacrônico, essas ante-salas do poder distantes, congeladas, o nosso destino pendente deles, quando anteontem decidíamos, pelo voto direto, os governadores, e ontem a televisão tinha que nos acompanhar pelo Brasil afora, conforme o roteiro dos comícios pelas diretas, com os políticos correndo atrás da gente pra sair nas fotos e no Jornal Nacional.

Para piorar ainda mais o clima insofrito dos intermináveis "debates" pela madrugada adentro, quando o grande protagonista do ano, na televisão não foram as boicotadas Olimpíadas, nem os dois candidatos ao Colégio Eleitoral, mas o povo, na campanha pelas diretas, ao lado apareciam ridiculamente Maluf e Andreazza disputando os votos e os bolsos dos convencionais do PDS. Quem diria que, poucas semanas depois, aquela instância espúria veria ser canalizada para seu leito as inflamadas paixões populares.

Disputa à americana

A disparidade da imagem dos dois candidatos não permite sequer criatividade à televisão, aos jornais e revistas. O maniqueísmo está instalado e com fundadas razões, entre a petulância até aqui impune de Maluf e o estilo bonachão e moderado de Tancredo. Aquele, cuja imagem vitoriosa na Convenção do PDS assusta a qualquer tímido liberal; este, que nem ousou apresentar-se no comício do Anhangabaú, e muito menos dizer de peito aberto que seria candidato à presidência, e ainda por cima com Sarney de vice, guardando-se para quando chegasse o carnaval.

Podemos estar tranquilos: nosso futuro está em boas mãos, a vitória de Tancredo no Colégio Eleitoral é segura, ele não disse não a nenhuma reivindicação, venha de onde vier, escorregou uma que outra vez, mas soube se corrigir, a transição sem ruptura está garantida, que cada brasileiro cumpra o seu dever, assinie aqui embaixo o pacto social, de casa para o trabalho (quando há), do trabalho para casa, sem extremismos, nem revanchismos ou outros fatores de perturbação.

A ideologia não somente nos diz o que é bom, bonito, gostoso antes que isso, ela nos diz o que é e depois, o que é possível. A Globo não influencia o nosso imaginário: ela o constitui — como bem observou Cohn-Bendit na sua recente viagem ao Brasil. E isso inclui apagar da nossa memória a campanha pelas diretas, que traria legitimidade ao grande espetáculo do Colégio Eleitoral, quando um bom locutor esportivo tem que tentar produzir emoção até de um Juventus e Portuguesa de Desportos, sábado à tarde na rua Javari, com todo o favoritismo da coluna do meio e cheio de zero a zero.

Dai a cor de disputa eleitoral a americana que os noticiários tentam nos vender, de uma epopeia grandiosa em que mocinho e bandido duelam diante dos nossos olhos torcedores. Guardem um bom lugar para dia 15 de janeiro, porque termina a novela das 11 e vamos poder saber o que será do nosso amanhã, qual é o nosso destino, sentadinhos em casa, como convém a brasileiros bem comportados, no exercício pleno dos seus direitos de cidadania. Graças à televisão. Obrigado, Dr. Roberto Marinho. Boa noite.

"MINHA FILHA É UMA LUTADORA"

Apontamentos para um perfil de D. Sylvia Maluf

Sérgio Pinto de Almeida

Quem quiser conversar com dona Sylvia Lutfalla Maluf sobre a possível derrota de seu marido, Paulo Salim Maluf, para Tancredo Neves, corre o sério risco de ficar falando sozinho. Isso porque, a filha do seu Fuad e dona Alexandra, é "uma lutadora", na definição de sua mãe, que não aceita perder. "Não discuto outro resultado que não seja a vitória do Paulo. E digo mais: venceremos por mais de cem votos".

Essa declaração de dona Sylvia foi feita pouco antes de seu marido ter ficado preso na Assembleia Legislativa de Aracaju, protegendo-se de manifestantes concentrados à porta da Assembleia e contidos pela polícia sergipana. Para ela, mais uma manifestação "empençada".

Na obstinada luta pela vitória e pela defesa do marido, dona Sylvia não consegue entender como "o povo não gosta do Paulo".

Esse espanto de dona Sylvia diante dos ataques a Maluf, segundo uma de suas ex-asseradoras, reflete bem o tipo de formação de nossa "futura primeira dama", como diz dona Alexandra. Educada de maneira rígida por dona Alexandra e por Fuad Lutfalla, um imigrante libanês que veio ao Brasil pobre, em busca de trabalho e aqui construiu uma gigantesca fortuna — com base nos negócios têxteis — dona Sylvia não completou o curso ginásial. "Mas estudou francês, inglês, piano, violão, corte e costura e natação", relembra dona Alexandra. Largou o ginásio para acompanhar a família numa viagem à Europa e ao Líbano, e quando voltou começou a namorar o vizinho, um aplicado estudante de engenharia da Politécnica da USP que, para alegria de seu Fuad, era membro de uma importante e também já poderosa família libanesa: os Maluf.

Guardiã fiel do lar

Pouco tempo depois, em 1955, se casaram numa suntuosa cerimônia na Catedral da Sé, celebrada pelo então arcebispo de São Paulo, Dom Duarte Leopoldo e Silva. E dona Sylvia transferiu então para Paulo, a cega e irrestrita obediência que sempre devotou ao pai. Para ela, os homens são os patriarcas, os chefes, os líderes das famílias, e a eles se deve todo o respeito. Não se deve deixar faltar nada a eles, nem negar suas vontades.

A mulher, segundo informações de ex-asseradores dela e da sua própria mãe, para dona

Sylvia, é a "fiel guardiã" do lar, a responsável pelo bom andamento da casa, pela educação e acompanhamento escolar dos filhos".

Dona Sylvia é absolutamente submissa a Paulo Maluf, mas, ainda segundo dona Alexandra, Maluf "é mais agarrado nela do que ela nele". Não acompanha qualquer tipo de manifestação ou reivindicação feminista, e acha que a melhor maneira de ser feminista é ajudando os pobres a viverem". Ao contrário, dona Alexandra acha sua filha muito feminista. "Ela é feminista, sim. Sabe escolher muito bem suas roupas, sempre com muita elegância e bom gosto. Minha filha é muito feminista."

Conservadora no comportamento, nos trajes e até no penteado (para convencê-la a mudar um pouco o penteado as cabeleireiras do L'Oficiel, em São Paulo, penaram muito) dona Sylvia ficava "chocada" — segundo a definição de uma de suas ex-colaboradoras, quando, por exigência do protocolo, era obrigada a acompanhar dona Dulce Figueiredo, esposa de João Figueiredo, quando esta vinha a São Paulo. Espantada com as roupas, os hábitos e até o jeito de falar alto e um comportamento considerado extravagante de dona Dulce, dona Sylvia não conseguiu, apesar das tentativas, disfarçar o profundo mal

estar durante a inauguração da boite Regine's em 1981, em São Paulo, onde, segundo pessoas próximas à dona Sylvia, dona Dulce bebeu um pouco a mais, e dançou durante longo tempo com o ator Omar Shariff, um dos participantes da festa. O ator, não se sabe bem se por cortesia ou se sob o efeito da bebida, também tentou tirar dona Sylvia para dançar pelo menos duas vezes. A ex-primeira dama paulista não só resistiu bravamente como deixou claro o seu desagrado diante da situação...

"Minha filha tem berço. Deus me livre desses modos esquisitos. Ela sabe se impor e exigir o devido respeito. Ela tem estilo!" (O depoimento, mais uma vez, é de dona Alexandra. Foi feito em sua suntuosa mansão, no Jardim América, em São Paulo, entre cafezinhos, bombons de licor e recordações do álbum de casamento da filha).

Política, arte, best-sellers

Apesar de estar totalmente envolvida com política, dona Sylvia continua comprando antiguidades, quadros de artistas brasileiros e acrescentando peças à decoração de suas casas (em São Paulo e Brasília), ouvindo música clássica ou tango, hábito compartilhado pelo marido. Em sua mansão nos Jardins, tem uma verdadeira fortuna em quadros e peças antigas. Sua irmã mais nova, Vera Jafet, é sua amiga mais próxima. E com Vera que Sylvia conversa mais sobre a situação política, as dificuldades do marido e as "enormes iniúscas", segundo Vera, que o povo comete contra ele.

Um dos hábitos que dona Sylvia tem, mas que está sendo pouco a pouco abandonado em razão da sua dedicação à campanha do marido, é a leitura de livros, todos sugeridos por Vera. Os cinco últimos foram: **Os perversos e Os Herdeiros**, Harold Robbins; **O Reverso da Medalha**, de Sidney Sheldon; **Um Mundo Transparente**, de Morris West; **Plano de Jogo**, de Leslie Waller e **Testemunho de Dois Homens**, de Taylor Caldwell. "Todos grandes best-sellers", garante Vera.

Mas se a leitura, assim como o gosto pela decoração, pela pintura, pela música e pelo tango bem cantado por Gardel, hoje não podem ser exercidos com a frequência que dona Sylvia deseja, certamente eles serão retomados muito à vontade se Paulo Maluf for eleito presidente do Brasil. Coisa, é claro, que ela sequer aceita discutir...



FLAVIO GALVAO/AFAP/REUTERS

Berço é o que não falta a d. Sylvia Maluf. Que o diga d. Alexandra, sua mãe.

MAMÃE PMDB

Mouzar Benedito

Quando tinha 13 anos fui, na carroceria do caminhão, a Aparecida do Norte, estado de São Paulo, cumprir uma promessa que minha mãe tinha feito quando eu tinha uns cinco meses de idade.

Achei até bom. Gostava de viajar e cumprir a promessa foi uma oportunidade. Além disso, a minha promessa — ou melhor, a promessa que minha mãe fez e eu cumpri — foi das mais suaves. Havia em Minas, mães que faziam promessas drásticas, e os filhos tinham que cumprir.

Um jornalista amigo, por exemplo, quando era criança teve que passar um ano indo à missa das 7 horas da manhã, a pé, numa igreja que ficava a uma légua de distância (depois ele se vingou, disse à mãe que tinha feito uma promessa pra ela cumprir, de rezar um terço todos os dias, durante um ano, para Santa Rosa de Luxemburgo. E ela cumpriu). Teve gente que foi até Aparecida carregando uma cruz, para cumprir promessa da mãe.

Essa introdução é uma lembrança que o PMDB e alguns de seus grupos me inspiram, agindo como uma mãe de toda a oposição brasileira, fazendo promessas escabrosas e querendo obrigar os outros a cumprirem, tomando decisões pelos outros, filhos não amadurecidos, pródigos e cheios de desvios juvenis — uma mãe autoritária se colocando como protetora.

Como os militares e o Pelé achavam que o brasileiro não está preparado para votar, o PMDB acha que todos os que lutam por diretas não estão preparados para tomar decisões. Por isso mesmo, ele toma as decisões e nos enfia goela abaixo. Faz promessas muito comprometedoras aos seus santos, para os "filhos" desnaturados cumprirem. E se a gente não cumprir, ameaça a nós "irresponsáveis" com o fogo eterno, vamos todos para o inferno, por não quererem ir a Aparecida do Norte a pé, carregando uma cruz nas costas, para cumprir a promessa da mamãe PMDB.

Ou aceita ou vai pro inferno

É o que está acontecendo agora, quando a sucessão presidencial está praticamente definida. Como uma certa parte do PMDB queria, vai ser uma sucessão sem traumas, isto é, uma porcaria de sucessão, pois vai continuar tudo como está, nada de grandes mudanças, nem de revanchismos. Passamos esses anos todos apanhando e agora chegou a hora de dar a outra face, como comprova o governo Tancredo em Minas e todo o passado do acadêmico biônico, cortador de pernas e grileiro José Sarney.

A mamãe PMDB prometeu pôr a dupla no governo e nós, os filhos sem vontade própria, temos que cumprir, se não seremos vítimas de

pragas e maldições, pois não se pode deixar de cumprir promessa feita pela mãe, ainda que seja de carregar uma cruz nas costas.

Já que o PMDB gosta da política do fato consumado, podia pelo menos prometer coisas mais cumpríveis. Mas não, sem nenhuma consulta aos seus próprios filiados e aos outros opositoristas, abandonou a luta das diretas e apresentou como fato consumado, para a gente aceitar ou ir para o inferno, a obrigação de ir ao Colégio Eleitoral votar na dupla Tancredo e Sarney.

Tá certo que qualquer coisa é incomparável a Maluf, seu escudeiro Marcílio e sua horrida de fascistas e corruptos. Isso é 100 por cento ruindade. Então, não dá pra dizer que Tancredo e seu possível herdeiro sejam iguais ou piores que o malufismo, que é o que há de pior no Brasil, só tendo como similares no exterior o Pinochet, o Baby Dec, e Stroessner e outras figurinhas carimbadas.

E o meu filé com batatas?

Para combater esses 100 por cento de ruindade, o PMDB poderia assumir compromissos com uma dupla apenas 50 por cento ruim, por exemplo. Ali dá até para justificar: 50 por cento ruim é melhor que 100 por cento ruim, é inegável. É como ir a Aparecida do Norte de caminhão, bem melhor que ir a pé carregando uma cruz. Porém os mandachuvas do PMDB acham que é um pulo muito grande, dos 100 por cento de ruindade para apenas 50 por cento, que temos que ir devagar. Para combater os 100 por cento de ruindade, nos empurra goela abaixo uma dupla com I.R. (Índice de Ruindade) de 95 por cento, pouco menos do que o ruim absoluto que é o malufismo. É equivalente a ir a Aparecida a pé levando uma cruz menor do que a de malufismo, a diferença é só no tamanho da cruz.

Enfim é muito estranha a lógica premeditista. Para se combater uma coisa ruim, nunca apresentam uma opção boa, mas uma outra coisa apenas menos ruim. É como se alguém quisesse forçar a gente a comer cocô e aí aparecesse uma opção salvadora: um prato cheio de chuchu sem tempero. Nunca nos oferecem como opção um filé com batatas! O governo nos ameaça com a dupla cocô Maluf/Marcílio, e o PMDB vem querer salvar a gente com a dupla chuchu sem tempero, Tancredo/Sarney.

E se a gente fala que não gosta de chuchu, Deus me livre, entendem que a gente gosta de cocô e lá vem praga. Na concepção deles, o mundo só tem duas opções, chuchu ou cocô (nada de filé, coisas gostosas), quem não quiser comer chuchu, é porque gosta de comer cocô. Não nos dão nem o direito ao jejum.

Ora, mamãe PMDB, com uma mãe dessas a gente acaba torcendo é pra ficar órfão.



NÃO CHORA, FILHINHO

Verônica Motta

Essa história de botar a mãe no meio ajuda a gente a sair de alguns becos sem saída, não é mesmo. Mouzar?

Venho do tempo em que tudo o que me acontecia de errado, todas as minhas frustrações, tinham como bode expiatório a "ditadura militar". Desculpa para muitas omissões, deixa pra-lá, não dá pra fazer nada, mesmo.

Quando o processo de abertura política foi deslançado, com que paixão nos lançamos novamente na briga política aberta, com que entusiasmo embarcamos na campanha pela Constituinte (te lembras?) e mais recentemente, nas Diretas-já. A Constituinte foi pras cucuias, as Diretas-já, idem. Mas isso não é tudo. Neste tempo todo de ebulição, em paralelo, e até mesmo independentemente, a tão mal cantada sociedade civil apoiou e estruturou um perfil de oposição que mudou radicalmente o quadro político no país. Além de ter dado ao PMDB a estatura de uma grande frente de oposição ao regime abrindo o leque de opções com o surgimento do PT, do PDT.

Sonhar é bom Já delirar...

Agora vem você reclamando que essa frente virou super-mãe. E fica bravo, bate o pé, diz que não vai cumprir promessas, etc. Ou seja, como as coisas não estão saindo do jeito que você quer, melhor pintar o bicho como um monstro e se pintar como um bebezinho de quem tiraram a chupeta. O filho-vítima da maldade materna, mais um cliente para nossos insaciáveis psicanalistas! Aqui do meu lado, vou tocando. Não curto o velhinho, preferia mil vezes as eleições diretas e sonho com um país maravilhoso, com um presidente jovem e de esquerda, ou melhor, com uma presidenta.

Mas, veja bem, sonhos são sonhos. Projeções de nossos desejos mais gostosos que nós, na medida do possível, vamos lutando para que se tornem realidade. E me parece que os instrumentos à nossa disposição para chegarmos a essa realidade futura estão dados no

presente, na realidade de hoje. O futuro se constrói hoje. Na real.

E a realidade de hoje, quer você goste quer não, é uma eleição indireta, via Colégio Eleitoral onde, se não mostramos disposição de gritar e apoiar os candidatos da Frente Liberal — hoje, de fato, uma frente de oposição, iremos engolir o maior sapo da nossa história, o Sr. Maluf.

Falar mal do passado é um recurso fácil, mas que não resiste. Se não, cá pra nós, como é que fica o passado do Lula que achava que trabalhador não devia se meter em política? E, cá pra nós ainda, eleição direta é bom, claro, mas não garante nada. Veja o exemplo da Prefeitura do PT em Diadema, onde sobram escândalos administrativos.

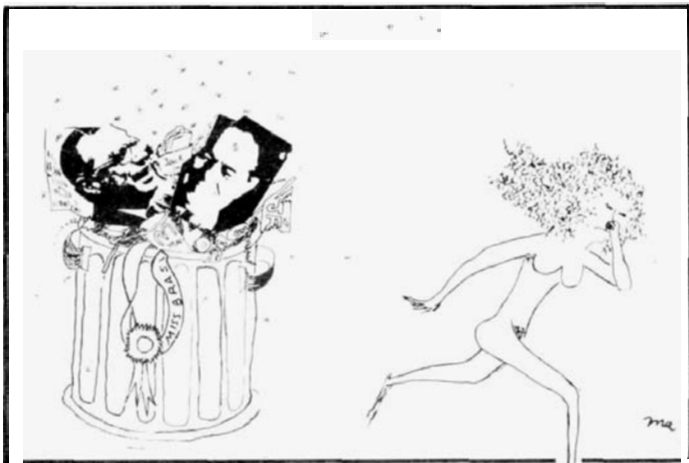
Democracia começa de baixo

E também, ainda que você torça o nariz, a realidade da Frente Liberal no poder vai significar a quebra do sistema monolítico militar e a abertura de possibilidades de atuação para todos os que desejem muito mais do que um mero liberalismo.

Montoro como governador, sem ser o político revolucionário barbudo e de charuto na boca, abriu concretamente espaços para um arejamento democrático em toda a estrutura de poder no estado de São Paulo. E não é ele quem está fazendo isso, mas aquelas pessoas que querem uma mudança radical, mas sabem que esta, para não se perpetuar em totalitarismo, tem que começar por baixo, da pessoa que te atende no guichê e te trata como ser humano, do ônibus que circula dentro do horário, do programa de Saúde da Mulher, das medidas em defesa da nossa estropiada ecologia. Da existência de um Conselho da Condição Feminina. Essas pessoas estão lá dentro, trabalhando, engolindo sapinhos, mas mudando as coisas.

Esse negócio de órfão só serve pra justificar o ócio de damas de caridade e, no máximo, deixar a gente a vida inteira obcecado com a procura de pais e mães fictícios.

A família política que temos é essa que está aí. Vê se chora menos e agita mais, amorzinho!



VIOLÊNCIA

Rio Grande do Sul

HONRA E AMOR

Bons Motivos para matar?

Marô Silva

Houve passeata, ato público, discurso. "Maria, Maria" reverberando entre os edifícios. Houve lágrimas, aplausos masculinos, uma emoção conjunta na esquina que Porto Alegre carinhosamente chama de "esquina democrática". Ali, onde todos os problemas que a comunidade enfrenta são discutidos, no dia 31 de outubro foi denunciada a violência que pesou sobre os nossos ombros e consciências: 16 mulheres assassinadas nos últimos dez meses. Entre elas, duas meninas de 10 e 13 anos para as quais foi negado o direito de "viver como outra qualquer do planeta".

O Movimento Unitário da Mulher Gaúcha (MUMG), que integra sete grupos feministas atuando dentro de partidos ou autonomamente, foi o promotor da passeata e do ato público.

"Sem punição, os crimes continuarão!" "Sem mulher livre, não há homem livre", as palavras ecoaram pelas ruas. A passeata adentrou a Feira do Livro e, mais tarde, invadiria a feira livre mesmo. Não levamos nenhum tomate... Dali a pouco as faixas estariam quietas na esquina. No alto-falante as mulheres iriam dizer o que pensavam sobre essa violência e também sobre a violência cotidiana, doméstica e da qual não existe estatística alguma. (O único número que temos é do SOS Mulher, serviço desativado por falta de verbas que, em menos de um ano de atendimento, registrou 300 casos com lesões corporais.)

A violência como marketing

Os homens, que a certa altura ficaram em maioria, aplaudiram muito. Indignados também com a violência escrachada que se disseminou pelo Estado. Violência que até virou sucesso em música onde o cantor diz para a mulher: "Tu incha o lombo e te encareço a laço, boto os cachorros e por mim que abiche." A violência como marketing do gaúcho. O



O silêncio é cúmplice da violência. É o que acham também as gaúchas.

estereótipo tocando e vendendo adoidado pelas ruas e ruelas do Rio Grande do Sul.

São Gabriel não é grande, fica a uns 400 quilômetros de Porto Alegre e assistiu, esse ano, a quatro assassinatos de mulheres, todos eles consumados pelos companheiros ou maridos das vítimas.

Mas foi o assassinato de Sandra Mara Zambrano que mais chocou a cidade. Seu ex-marido matou-a com quatro punhaladas no interior da Igreja Matriz onde, tempos antes, os dois haviam casado. Depois do crime, mil e quinhentas pessoas fizeram um ato público contra a violência e mais mil assistiram à reconstituição teatralizada do crime.

Sandra Xaráo foi quem organizou tudo em São Gabriel. Sua filha de 10 anos está agora em estado de choque, depois de atender a um telefonema onde ameaçavam de morte a mãe. Sandra já não sabe quantos telefonemas recebeu. Um deles, aproveitando seu nome, disse que se a outra Sandra já tinha sido morta, seria fácil matar mais uma agora.

Em Porto Alegre, Sandra fez um depoimento emocionante no ato público. O medo parece lhe repor energia, ao invés de apagá-la.

Em Cachoeira, prazer de matar

Em outra cidade do interior, Cachoeira do Sul, os próprios policiais, acostumados a fazer o levantamento pericial dos cadáveres, se horrorizaram com o estado em que ficou Leci Terezinha Simões Pedroso, 16 anos, seviçada e morta pelo namorado. Tudo indica que o assassino, viciado em todo tipo de drogas, conforme seu próprio depoimento, parece não ter percebido a extensão de seus atos; foi preso quando dormia tranquilamente em sua casa. Dias depois, diante de uma polícia perplexa, ele reconstituiu a cena do crime com total isenção e frieza.

Zilá da Rosa é outro caso de terro? Seu companheiro, Codesso, casou-se

com outra mulher. No verão passado, Zilá desapareceu. Foi encontrada dentro de um rio, amarrada numa pedra com sinais de tortura. Codesso até hoje está em liberdade, embora depoimentos de testemunhas confirmem que ele ficou com Zilá de Rosa durante todo o dia anterior à sua morte.

Quando esta matéria estava quase pronta, foi publicada no jornal "Zero Hora" de Porto Alegre a notícia da absolvição de uma mulher que matou seu companheiro em Alvorada, cidade satélite da capital. Lizete Camargo Neves, na madrugada de 21 de agosto de 1981, atingiu Luiz Claudio Mello com uma facada nas costas. Desesperada, procurou auxílio junto aos vizinhos. Luiz Claudio, no entanto, não chegou com vida ao hospital.

Aqui as 16 mulheres assassinadas no Rio Grande do Sul este ano:

Ana Luiza Velasco, 25 anos, morta pelo marido com 40 facadas. O assassino está em liberdade. Porto Alegre.

Angela M. Alves, 17 anos, morta pelo marido a socos e pontapés. O assassino está na cadeia. Alegrete.

Arlete Utzig, 10 anos, seviçada e morta. O assassino está na cadeia em Dois Irmãos.

Catarina Cabreira Jardim, morta pelo ex-marido com várias punhaladas quando voltava do trabalho. São Gabriel.

Eloi Nepomuceno, dinamitada em Caxias do Sul.

Geneci Lara Kaercher, morta pelo marido a facadas, São Gabriel.

Iva Bortoncello, esfaqueada.

Leci Terezinha Simões Pedroso, 16 anos, seviçada e morta pelo namorado, Cachoeira do Sul.

Maria Luiza Borba, 37 anos, morta pelo companheiro com três tiros.

*Foi bonito.
Triste e bonito.
Porto Alegre viu pela primeira vez uma passeata de mulheres contra a violência. Invadimos o centro da cidade para alertar a comunidade gaúcha da crescente escalada de crimes a que estamos assistindo e que fizeram, apenas no mês de outubro, seis vítimas.*

Em seu julgamento, o promotor de Justiça reconheceu que Luiz Claudio era um homem violento e que Lizete deveria ser absolvida porque agiu em legítima defesa. Ao advogado de defesa, pouco restou falar. Lizete foi absolvida por unanimidade.

Este é mais um caso de mulher que mata marido. Eles existem, numa proporção aproximada de um para 50 casos de maridos que matam as mulheres (ou ex-mulheres), segundo a advogada Zulailê Cobra Ribeiro.

Além dessa diferença numérica, há uma outra: a maioria das mulheres mata quando sente que as frequentes pancadas ou ameaças do marido estão pondo em risco sua vida. Não é por amor e nem em defesa de honra nenhuma.

Maria Olinda Machado, 51 anos, morta pelo namorado. Porto Alegre.

Marlete dos Santos, 13 anos, estuprada e trucidada. O assassino não foi identificado. Montenegro.

Maria Pedrolina Lopes Leite, morta pelo companheiro que foi preso quando dormia ao lado do cadáver. São Gabriel.

Sandra Maria Medina Zambrano, 19 anos, morta pelo ex-marido com quatro punhaladas. São Gabriel.

Maria das Neves Raumisich, 24 anos, morta e esfaqueada por assassino não identificado. Gramado.

Zilá da Rosa, 31 anos, torturada e morta. Assassino em liberdade. Canoas.

Lorena da Cunha Pinto, morta com um tiro no peito. Estava se separando do marido e foi assassinada depois de ter registrado queixa contra ele, acusando de ameaçá-la de morte. Porto Alegre.

DORA

— Eu nunca apanhei.

O dia em que Isaura disse isso senti um mal-estar. Antes não ter Pai! E se o Pai morresse? Ia ser bom, o fim da bordoadá. Mas a Mãe não sabe ganhar dinheiro! Se o Pai morresse a gente ia morrer de fome. Ou quem sabe Dona Juraci não me pegasse de empregada! Podia ter duas. Eu sonhava com uma carreira de arrumar as coisas dela, cômodos, obrigações, ir à venda com a listinha de compras e a caderneta de marcar. Podia trabalhar melhor que a Isaura, mandasse ela embora para Ida Iolanda. Me absorvia em ser criada, acomodada e adotada naqueles lugares bons de viver, empolgada no sonho, quase sempre abatido pelo pecado sem perdão de desejar a morte do Pai, causa e chefe, criador e dono, fundador. Que trabalha semana toda com a mala de mascate, vai pelos sítios vendendo cortes, é seda, tem três metros e meio. É chita, dá para três vestidos. O Pai vai ser Avô, Bisavô e Tataravô, dizem que sou parecida com ele. O Pai bate porque precisa. Se Dona Juraci não presta, porque eu gosto tanto de Dona Juraci? Só pode ser bute e cafute, o coisa-ruim, o pé-de-pato, o porco-sujo. E a diaba mulher dele, e os filhos diabinhos, capetas, complicados, que Deus me perdoe. Mil jaculatórias pra perdoar e cento e cinquenta ave marias todas as noites...

Mas por que o Pai põe a mão na gente? É louquijo também, com filha não se faz, amor de pai não é em peitos, em pêlos. Ele agrada e desce, re-

baixa, afunda, arria. Avança e a gente cala, demuda, dá um desespero! O regaçar da calcinha, o dedo explorando, demasias e descaramentos, destemperos que dão vergonha de contar até pra gente mesma, desprezada, desfeita, negligente, nem querendo saber das irmãs. Mas era tudo a mesma coisa, nos descuidos de casa pequena nada fica amoitado e dessabido.

Ele chegava tarde da noite, entrava pê-ante-pê no quarto e ia mexer nas filhas dormindo, pegar nos peitos, passar a mão nas bundas, abrir-lhes as pernas. O acordar era o choque, um trazer à memória. O medo de olhos fechados, que ele não percebesse o acordamento, era melhor fingir. Mas fingir também não era garantia, no ar ficava aquela excitação inquieta, espécie de horror, outor a sem comum acordo, sentença inconciliável. A triste de passar, triste de lembrar. O sono, que! A do pela violência ficava pensando sobre o tremulo lençol. Nos ares da manhã, as chispas do quase acordo, adesão, ajuste, assentimento maldito. Boca calada, contida, convencida, dissimulada. Nada a divulgar. Cautela dele e da gente, conchavo sutil, conciliação, consenso em ocultar, aferrar-se, meter a viola no saco e, na boca, a mordaca. Lembrança da mão-posta, pacto sem tino, atropelado coração, calamidade e infortúnio. Unanimidade, praga de raio, transe e miséria. Todas fingindo-se desacordadas, fora de si, contidas e demovidas nas horas úmidas. Domesticadas e afreguezadas, treinadas e vergadas, facilitadas pela omissão abstraída da Mãe atada, eclipsada, fosca, postergada, totalmente sobressaltada, arrefecida, frouxa, pusilânime. Pessoa medrosa, inerte, sempre nas trevas, abismo, obnublada pela incerteza, temerosa na beira do fogão fervendo caldeirões. Acanhamento, desvalor, traves de medo de briga, como se fossem evitáveis. Desamparada e infeliz, abafada como uma manta, sem abrigo, sem ambição, apetite, ardor. Descapacitada para viver nem migalha do cobiçável, do bulício estômeco e guloso de Dona Juraci, para ela meio naja, afinal tratava-se de mulher faceira e feliz, mas re. Não apanhava nem tinha em casa tesoureiro, almoxarife ou cobrador. Franzina, era tentadora, quase atriz, com seu quimono de seda bordado nas costas.

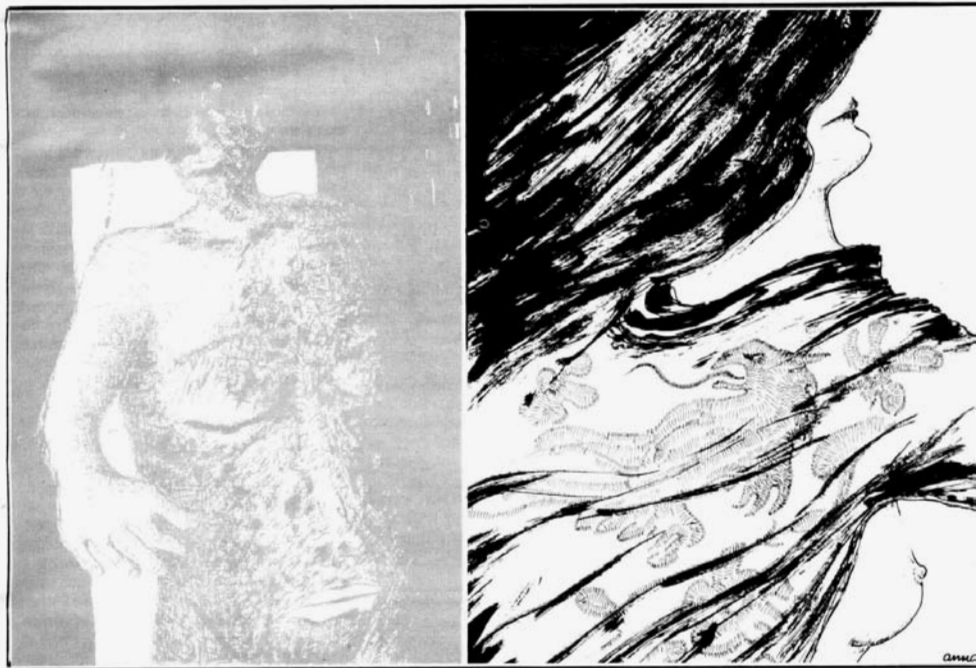
Ai Dona Juraci virava modelo e exemplo, abundância e pluralidade de coisas, inspirava com sua exuberância. Era amostra e arquétipo, figurino de uma realidade impossível ao raio de visão de um bairro pobre. Modelo que não se sabe reproduzir por falta de talento, fórmula, nível e padrão, garbado de mulher essencial, exclusiva, impar, preempitória. Mulher sem precedentes. E a Mãe se acanhava, circumspecta, comedida na compostura, escondendo as manchas do pescoço com a gola redonda, sentindo a mediocridade e a pequenez, a pudicícia e o recato de ser direita como tributo. Monopólio de virtudes gerenciadas pelo Pai, que indireitava todos os dias para o miserável apurmo, provido de equimoses violáceas. Retraíndo-se, ruborizando-se, severava os próprios defeitos, tentando misturar, à maldade do Pai, um pouco da sua, alterando os julgamentos com emendas, explicações pueris, variantes. Abradando os acidentes, acomodando e adoçando inutilmente o mar de fel que saía pelas frestas das janelas fechadas e alagava aqueles quintais com o pântano da desgraça cotidiana e cansativa.

A Mãe sabia coisas de Dona Juraci e Dona Juraci coisas da Mãe, opostas, adversas e contrárias. Mas havia certa convivência tolerante nesses saberes e calares, sabedoria ancestral de mulher para mulher. Os oprimidos sempre se reconhecem.

Dinorath do Valle

Do romance inédito "Pau Brasil"

MULHERIO 7



Dinorath do Valle é autora de **O Vestido Amarelo**, **Enigmalião**, **Idade da Cobra Lascada** e **Pau Brasil**, (no prelo) romance com o qual ganhou o Prêmio de Literatura Brasileira da Casa das Américas de Cuba em 1982 e do qual **Mulherio** publica com exclusividade — que muito nos orgulha — esse lindo **Dora**.

CÓDIGOS



Mudam os Códigos Civil e Penal no Brasil. Se o Código Civil traz alguns avanços importantes, é porque teve muita batalha. De Florisa Verucci e Silvia Pimentel e de todas as mulheres que se comprometeram com a divulgação do projeto. Já o Código Penal... só piorou a situação da mulher. "Também — diz Zulaiê Cobra Ribeiro, advogada criminalista, as modificações foram propostas por dez juristas, sem a participação de uma só mulher..."

Ethel Leon

CIVIL

Bye, bye, chefão

Aprovado em julho pela Câmara Federal está no Senado o projeto de um novo Código Civil que traz algumas mudanças importantes para as mulheres. Nele estão incorporadas várias propostas de um novo estatuto civil da mulher, elaborado pelas advogadas Silvia Pimentel e Florisa Verucci.

A partir da aprovação do Código (alô, alô, Senado), a mulher juridicamente deixará de ser uma mera colaboradora do marido e o marido deixará de ser o chefe da sociedade conjugal. A direção (e não mais chefia) passa a ser atribuição conjunta de marido e mulher.

— "Esta é a mudança chave e todas as outras são decorrência dela — diz Florisa Verucci. Por exemplo, a administração dos bens do casal que compete hoje ainda exclusivamente ao marido se torna responsabilidade do marido e da mulher. Agora o que resta saber é se a prática vai reafirmar ou negar esta nova postura do Código. Pode ser que a lei "pegue" apenas regionalmente".

(Você já viu lei "pegar" — igual moda ou doença infecciosa? Pois no Brasil é assim...)

O pátrio já não é tão poder

— "A segunda grande mudança do Código diz respeito ao pátrio poder. Baseadas no Código Civil Francês, Silvia e eu propusemos a expressão autoridade parental (de **parents**, pai e mãe). Foram feitas algumas objeções de ordem semântica (galicismo) e o nome **pátrio poder** foi mantido. Mas sua função está claramente modificada, uma vez que não há mais chefia da sociedade conjugal".

— "As conseqüências práticas destas modificações podem ser muitas. Por exemplo, hoje a mulher não pode tirar dinheiro da Caderneta de Poupança, sem a assinatura do marido em caso de conta conjunta. A lei não manda nada disso, mas esta é uma norma criada pelas instituições financeiras apoiada no princípio da chefia. Hoje nós aconselhamos à mulher vítima desta discriminação que impetre mandato de segurança".

— "Outra mudança importante é que a partir do novo Código o domicílio do casal será escolhido por ambos os cônjuges e não mais pelo marido, a quem a mulher seria

obrigada a acompanhar. Além disso o novo estatuto prevê que marido e mulher poderão ausentar-se do domicílio conjugal para atender a cargos públicos, ao exercício da profissão ou a interesses particulares relevantes."

— "Este é um ponto muito importante porque mexe num dos grandes fantasmas da mulher brasileira — que é a possibilidade de o marido alegar abandono do lar por parte da mulher e, conseqüentemente, ficar com a guarda dos filhos, no momento em que a mulher visitava alguém doente noutra cidade ou viajava a trabalho."

Casamento não é Boeing-747-Jumbo

No projeto de Silvia e Florisa foram revogados dois artigos (ufa!). Um diz respeito à possibilidade de anulação do casamento quando a mulher não é mais virgem e outro que permite ao pai deserdar a filha que more sob seu teto e que ele considere **desonesta**.

É claro que a aprovação deste novo Código Civil não implica mudanças imediatas nas atitudes, seja de instituições (entre elas o Judiciário), seja das próprias mulheres. E na prática social encontrará barreiras de várias ordens. Inclusive na fala de muito advogado. Tinha um que, defendendo a noção de **chefia** no casamento, usava a seguinte imagem retórica: "Jamais entrarei num avião comandado por dois pilotos!".



SILVIA PIMENTEL

PENAL

Entrevista com Zulaiê Cobra Ribeiro

Salvam-se as "ingênuas"

Quais foram as modificações na legislação penal que alteram a situação da mulher?

Nenhuma para melhor, disso eu tenho certeza. Diminuiu a pena para estupro, diminuíram as condições para se qualificar uma sedução. A sedução é o crime de induzir ao ato sexual e para você qualificar esse ato são necessários quatro requisitos: a moça precisa ser virgem, ingênuas, ter inteira confiança no namorado e ter de 14 a 16 anos. Só pode ser vítima se cumprir os quatro requisitos. Agora me diga uma coisa: o que é ser ingênuas? Além do mais a sedução só é sedução se houver "conjunção carnal", o que se verifica através do desvirginamento. Mas se a moça tiver um hímen complacente, como é que fica?

E o aborto como é que fica?

Hoje o aborto só é permitido em dois casos (artigo 128): quando a mulher corre risco de vida ou quando o feto é produto de estupro. A proposta agora é constar mais um item: o aborto será permitido quando se comprovar que o feto apresenta defeitos congênitos físicos ou psíquicos. Seria ótima esta ampliação... Só que resolveram agora que, neste caso e no caso de estupro, se a mulher

for casada, deverá apresentar a autorização do marido! Imagine só se o marido, por exemplo, for impotente e quiser demonstrar que não é através da gravidez da mulher esturpada por outro homem! Ele não autoriza e pronto!

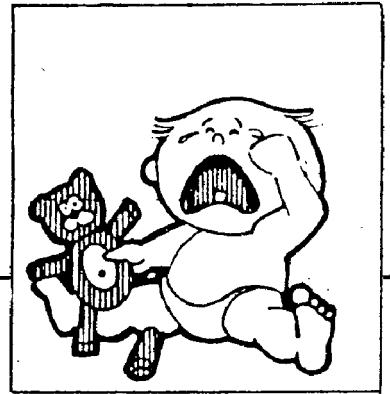
A famosa história da honra da mulher, isso existe no Código?

No Código, não. Mas na cabeça dos juristas, sim. No Código, por exemplo ela está presente na questão do infanticídio que é o crime em que a mãe mata o filho logo após o parto. Bem, o Código fala que se comete infanticídio para "esconder uma desonra". Eles consideram desonra um ato sexual "ilícito", cometido fora do casamento — servindo, portanto, para mulheres solteiras ou para mulheres que tiveram uma relação extraconjugal. Dai a noção de que mulher não tem honra, ou melhor, de que honra de mulher está no meio das pernas, é um hímen...

Nada então que beneficie a mulher...?

Não, até que teve alguma coisa... Por exemplo o adultério não é mais considerado crime, pela nova proposta. É óbvio que são os homens que mais cometem adultério, evidentemente. Só que o fato é considerado tão natural, que mulher alguma vai processar o marido por isto. Agora é frequente que marido processe mulher por adultério! Foi ótimo que tenha caído esta figura, arcaica, conservadora. Há também outros avanços como a laqueadura de trompas e a vasectomia (intervenções cirúrgicas que visam a esterilização feminina e masculina) deixam de ser considerados contravenção. Agora, é evidente que o governo tinha interesse nisso, se quer implantar uma política de controle de nascimentos...

Agora, de uma maneira geral, está terrível a proposta de mudança. Antes exigia-se que a mulher fosse honesta; agora, exige-se que seja **ingênuas**. Essa figura — quem saberá o que quer dizer? — se espalhou pelo Código. Vai precisar muita mulher na rua (como na Itália, na França) pra gente mudar alguma coisa que valha a pena nessa legislação penal.



BULGÁRIA

Política e Feminismo

A Associação Internacional de Ciências Políticas (IPSA) tem uma série de pequenos comitês que tratam, dentro dessa enorme organização, de temas específicos. Dentre esses comitês, um deles — Papéis Sexuais e Políticas — destina-se a incentivar debates e encontros sobre as relações entre mulher e política.

Esse comitê se reuniu, em outubro, nesse ano, em Sofia, na Bulgária, para discutir sobre "Sistemas políticos e o movimento das mulheres".

Tive a incrível possibilidade (estou rindo até agora) de participar desse seminário, que reuniu 14 mulheres de 12 países diferentes situados em 4 continentes. Foi muito bom. Primeiro, as búlgaras que nos acolheram foram extremamente calorosas e organizadas. Depois, as participantes, não eram todas balzaqueanas: algumas mais mocinhas, outras mais velhotas, não só em idade, mas também em anos de janela: acadêmica e militante.

Essa diversidade enriqueceu muito nossas discussões formais e informais. Um dos temas que mais discussão suscitou foi o signifi-

cado (e conseqüências) político, ideológico, econômico e psicológico das prolongadas licenças de maternidade que estão sendo propostas e aceitas em alguns países socialistas. Por exemplo, na Bulgária, a partir de 1985, a licença de maternidade será de 3 anos, sendo que pais e avós poderão tirar (a partir do 2º ano) no lugar da mãe. Na Polônia, Checoslováquia e Hungria este sistema está se implantando, e seu significado sendo discutido.

É muito contraditório. Por exemplo, pelo fato da licença não ser compulsória, as mães que têm uma atividade interessante (estudantes, acadêmicas, artistas, profissionais liberais, etc) tendem a preferir colocar suas crianças em creches. A educação do filho pequeno pela família é prática mais adotada entre as trabalhadoras manuais. E aí fica a questão sobre mecanismos reprodutores do sistema.

Os trabalhos apresentados foram muito interessantes. A Biblioteca da Fundação Carlos Chagas (Av. Prof. Francisco Morato, 1565 - CEP 05513 - T. 211-4511) dispõe de um jogo completo.

O trabalho que apresentei tem por título "O movimento de mulheres e a abertura política no Brasil: o caso da creche" e será publicado no número 51 (próximo) dos Cadernos de Pesquisa.

Fúlvia Rosemberg

CRECHES

Poucas mas boas

São apenas 41 as creches em empresas em todo o Estado de São Paulo (só de indústrias metalúrgicas existem 15 mil!) Esse dado, obtido a duras penas pela Comissão de Creches do Conselho Estadual da Condição Feminina, foi confirmado no 1 Encontro sobre Creches no local de trabalho.

Com a participação de 14 empresas, duas creches conveniadas, da Secretaria do Trabalho e da Universidade de São Paulo, o Encontro foi dos mais produtivos, capaz de apresentar experiências como a da Latex, empresa de São Roque em cuja creche as crianças ficam das 5 da manhã às 5 da tarde. As crianças de dois até cinco anos são levadas da creche para uma escolinha na cidade no período da manhã. E, quando voltam, têm uma rotina bem semelhante à que teriam numa casa: comem, dormem, fazem lição, assistem TV. Outras empresas mantêm até mesmo transporte interno a fim de facilitar o aleitamento.

Mas, como não podia deixar de ser, foram muitas as denúncias de não cumprimento da

legislação que prevê que empresas com mais de 30 trabalhadoras devem manter creches.

— "A lei é burlada — disse Maria Malta Campos, da comissão de creches do Conselho — através de convênios fantasmas das empresas com creches particulares. Não há fiscalização efetiva e, mesmo se fiscalizadas, as empresas não são autuadas, pois não há órgão que ordene as infrações."

Criticado, e muito, também foi o Serviço Social da Indústria (SESI) que, com a verba que opera — 2 por cento da folha de pagamento de toda a indústria — bem que poderia estar implantando uma política de construção de creches, ao invés dos cursinhos de corte e costura.

A CLT, longe de escapar, também foi alvo de duras críticas. A mais contundente delas saiu da boca do empresário cristão Walter Idalgo (Metalac Sorocaba), fã da creche de sua empresa (visita-a três vezes por dia) que declarou: "Para a CLT, a criança já é emancipada aos seis meses."

MULHERIO

É UM ÓTIMO PRESENTE

Use o cupom

Assinar **Mulherio** é bom e barato. E é a melhor maneira de você resolver aquele presente complicado, de aniversário ou Natal. Ou receber você mesma(o), o jornal regularmente em sua casa, a cada dois meses. É fácil. Só preencher o cupom ao lado. Ou simplesmente ir até qualquer agência do banco Itaú, com o guia abaixo. Você deposita o dinheiro e já recebe o recibo de assinatura. Qualquer dúvida, veja as instruções no verso.

ou o guia Itaú

assinatura de 5 números (17 a 21) Cr\$ 9.000

especial sócio/a colaborador/a Cr\$ 18.000

assinatura de 4 números (18 a 21) Cr\$ 7.200

especial sócio/a colaborador/a Cr\$ 14.400

assinatura de 3 números (19 a 21) Cr\$ 5.400

especial sócio/a colaborador/ Cr\$ 10.800

coleção de 12 números (não esgotados) Cr\$ 10.000

nome		profissão	
endereço			
cidade	cep	estado	fone

Estou enviando o cheque cruzado nº _____ do banco _____ em nome do Núcleo de Comunicações Mulherio. data / /

Para rua Amália de Noronha, 268, CEP 05410, São Pau. SP.

Preciso de recibo sim não

Banco Itaú S.A.		Depósito para Crédito em Outras Agências		Banco Itaú S.A.		Recibo de Depósito	
Favorecido Núcleo de Comunicações Mulherio		Conta 29782	DAC 4	Favorecido Núcleo de Comunicações Mulherio		Conta 29782	DAC 4
Nº e nome da agência 0444 - SP - Teodoro Sampaio		Valor Cr\$		Nº e nome da agência 0444 - SP - Teodoro Sampaio		Nome do assinante/depositante	
Nome do assinante/depositante		Profissão		Nome do assinante/depositante		Este recibo refere-se ao pagamento da assinatura do jornal Núcleo de Comunicações Mulherio, pelo período de um ano (seis números).	
Endereço do assinante		CEP	Cidade	Endereço do assinante/depositante		Este recibo refere-se ao pagamento da assinatura do jornal Núcleo de Comunicações Mulherio, pelo período de um ano (seis números).	
Estado		Estado		Indique aqui qual a espécie de depósito que está realizando.		<input type="checkbox"/> Estou depositando somente dinheiro <input type="checkbox"/> Estou depositando cheque pagável nesta praça ou contra o Banco Itaú de qualquer praça, conforme relacionado no verso	
Assinatura do assinante/depositante		Assinatura do assinante/depositante		Autenticação		O valor acima registrado só será válido sem emendas, rasuras ou ressalvas e feito em máquina do Banco.	
Depósito escolhido conforme circular SC-7		Banco		Assinante/depositante			

Papai Nicolau

Aguardei esse dia com certa ansiedade. Não foi preciso anotá-lo na agenda. Logo que acordei sabia que algo de especial iria me acontecer. Lavei-me cuidadosamente: lembro de me ter detido minuciosamente na inspeção das unhas. Fiquei alerta ao menor resquício de odor que pudesse ser percebido como desagradável. Fensei na roupa que iria vestir: desisti de um macacão branco e optei por uma saia. Não sei bem se por comodidade ou feminilidade.

No caminho fiquei ansiosa: iria acertar a rua, não iria chegar atrasada...

Toquei a campainha. Uma jovem simpática me atendeu. Fez-me entrar e subir as escadas. Levou-me diretamente para o quarto. As venezianas estavam baixadas e filtrava uma luz agradável. Sugeriu que me despiasse. Mostrou-me a cama. Lembro de ter me deitado, colocando as mãos cruzadas por debaixo da cabeça e esperar.

Uma voz masculina me saudou. Ouvi um tilintar de vidros e metais: uma sensação de frio percorreu minha vagina. Minhas pernas foram tocadas de leve. Novamente ouço barulho e agora uma sensação de calor. A porta se movimentou e a mesma voz masculina ressoou: 5ª feira será entregue ao Dr. Noel.

Até agora fico pensando que cara terá esse homem, o médico que colheu material para o meu Papanicolau. (Maria do Céu)

Finalmente!

No ano passado, ao mesmo tempo que Mulherio saía de circulação, um novo boletim feminista entrava em campo, para levar adiante a campanha pela legalização do aborto. Trata-se do **Sexo Finalmente Explícito**, que já está no seu número 4, mas que até agora Mulherio não havia mencionado. Nossas desculpas pela omissão. O endereço para correspondência é Casa da Mulher, R. Debrét 23, sala 1316, CEP 20030, RJ ou Coletivo das Mulheres, Caixa Postal 33114, CEP 22442, RJ.

Pirâmide racial

A educação escolar das mulheres é um tema que vem sendo discutido desde que as feministas passaram a questionar seu lugar no mundo. A medida que as informações foram sendo recolhidas e analisadas alguns mitos foram caindo e novas explicações tentadas. Percebeu-se, por exemplo, que em vários países as mulheres tendem a frequentar mais a escola que os homens (em todos os níveis escolares).

Maravilha, afirmam os demagogos, ou partidários da política do avestruz, isto prova que não há discriminação sexual. Bananinha, retrucam as feministas, é só olhar com atenção para ver que existem dois grupos estudantis: o das ciências exatas e tecnológicas frequentadas pelos homens; o das humanas e letras reservado às mulheres. Um que tem maior ímpeto no mercado de trabalho, isto é, maior prestígio e salário. O outro que vem a reboque: menos valorizado e com salários menores.

Quando, porém, se acrescenta a essa discussão sobre educação do brasileiro a questão da cor, a situação fica complicada. É só olhar com atenção os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 1982. Ai é que se vê como é que o preto não está no branco, e se confirma a evidência: a escolaridade no Brasil é privilégio de alguns grupos étnico-raciais. Se não, confira os dados.

Deu para sacar, não é? Só com equilibrista que esta pirâmide fica de pé! (Fúlvia Rosenberg)

SEM INSTRUÇÃO E MENOS DE UM ANO		
	Homens	Mulheres
Amarelos	6%	6%
Branco	20%	20%
Pardos	39%	38%
Pretos	40%	41%
9 ANOS OU MAIS DE INSTRUÇÃO		
	Homens	Mulheres
Amarelos	43%	52%
Branco	16%	16%
Pardos	6%	7%
Pretos	4%	5%

que sera de nossos filhos, nossos netos, o Brasil do século 21? Se tivessem visitado a China e a Índia teriam respostas para esta pergunta. Mas eu respondo: sonente miséria. É preciso, pois, que entidades, da expressão do G A P - Grupo de Assessoria e Participação - se mobilizem e com o prestígio de que desfruta nos meios governamentais inicie uma campanha, que terá forçosamente expressão nacional, no sentido de conscientizarem nossos Governantes, nosso povo, nossos religiosos, de que é preciso iniciarmos desde já um trabalho de CONTROLE DA NATALIDADE para evitarmos as consequências da explosão demográfica já iniciada e em violento curso. Somos hoje a 6ª maior população do mundo - população pobre, o que é pior - e no ano 2.000 com 200 milhões de pessoas já atingiremos o 42º ou talvez mesmo o 3º lugar.

BENEDITO PIO DA SILVA
Membro do GAP-BANESPA

Branco, libano-brasileiros e católicos

No segundo semestre de 1981 começa a correr um bochicho em São Paulo de que o governo do estado estava em vias de implantar um programa de controle da natalidade. O bochicho tinha razão de ser: o Pró-Família, um programa de preocupações sanitárias relevantes - recomendava às mães da periferia que cortassem a grama de seus jardins e mantivessem as crianças afastadas da piscina - ganhava kômbis, propaganda na televisão e, o que era mais importante, grandes quantidades de anticoncepcionais orais.

O Pró-Família não passou na Secretaria de Saúde. E teve que ser implantado através do Fundo de Assistência Social do Palácio do Governo, sob a responsabilidade direta de dona Sílvia Maluf. Uma grita geral de entidades de saúde e de mulheres conseguiu também frear o alcance do programa que dedicava um largo espaço de sua apostila à explicação favorável da laqueadura de trompas e da vasectomia.

Quando empossado o novo governo de oposição em São Paulo, uma surpresa! A documentação sobre o Pró-Família desapareceu, levada na mudança da família Maluf em sua trajetória para o Planalto.

A contribuição para um programa de planejamento familiar - leia-se controle da natalidade - mais curioso no governo Maluf foi elaborada por Benedito Pio da Silva, membro do GAP-Banespa (GAP é grupo de assessoria e participação, mas também pode ser Grupo de Apoio ao Paulo). O Sr. Benedito Pio propôs uma política de planejamento familiar urgente, argumentando com os seguintes fatos:

"A manter essa tendência (de aumento da população negra), no ano 2000 a população parda e negra será da ordem de 60%, por conseguinte muito superior à branca. E eleitoralmente poderá mandar na política brasileira e dominar todos os postos chave. A não ser que façamos como em Washington, capital dos Estados Unidos, que devido ao fato da população negra ser da ordem de 63%, não há eleições."

É bom lembrar isso, pra gente ver do que está escapando, com a derrota do PDS e a vitória do PMDB em São Paulo.

Xi...Acabei de me lembrar. A senadora Eunice Michiles pensa bem parecido com o Sr. Pio. E acabou tancredando... (E.L.)

MULHERIO Solidário!

Nossa solidariedade a Maria Amélia Goldberg, que dia 7 de novembro foi exonerada da presidência da Fundação para o Livro Escolar, cargo que ocupou desde abril do ano passado. Contrária ao uso do livro descartável, apontando erros e imperfeições nos livros didáticos, sua equipe de trabalho logo ganhou as antipatias dos editores. A favor de um livro que retratasse uma postura de educação democrática, não autoritária e não preconceituosa, também batalhou contra a discriminação da mulher nos livros escolares. Que a nova diretoria, que conta com Sílvia Pimentel e Terça Neubauer da Silva, continue na mesma linha.

Mulher Dá Vida

Cristina, Flora, Maria Angélica, Maria Otília, Sandra e Schuma formam o "Mulher Dá Vida", um grupo que procura refletir sobre as mulheres enquanto produtoras e mantenedoras de vida, entendem que produção de vida vai desde menstruação, maternidade, até trabalho social, doméstico, cuidados com as crianças, velhos, etc.

Já realizaram seu primeiro vídeo, "Prendas Domésticas", e têm planos para muitos outros, que pretendem apresentar e discutir com as mulheres.

O endereço para contato é R. Cel. Mello Oliveira, 773/4, CEP 05011, São Paulo, SP.

A OAM - Organização Autônoma das Mulheres tem agora sede própria a R. Ribeiro de Lima, 344, sobreloja, conj. 11, CEP 01122, SP tel. (011) 228-7683.

MULHERIO

Instruções para Depósito

Este depósito pode ser efetuado em qualquer agência do Banco Itaú, de acordo com a circular interna do Banco SC7.

Se você não quiser recortar seu jornal para fazer a assinatura, é simples: vá a qualquer agência do Banco Itaú e preencha um formulário de depósito para crédito em outras agências, modelo 1721, ou uma solicitação de ordem de pagamento modelo 86, para crédito na conta 28785 - em nome de **Mulherio de Comunicação** (Número Agência 0444-SP-Teodoro Semco).

Para mais informações, consulte o formulário de depósito em qualquer agência do Banco Itaú, ou escreva para: **Mulherio de Comunicação**, Rua Teodoro Semco, 1770, São Paulo, SP - CEP 01122-000.

Nome do beneficiário	
Nº da Agência	
Nº do Banco	
Valor	

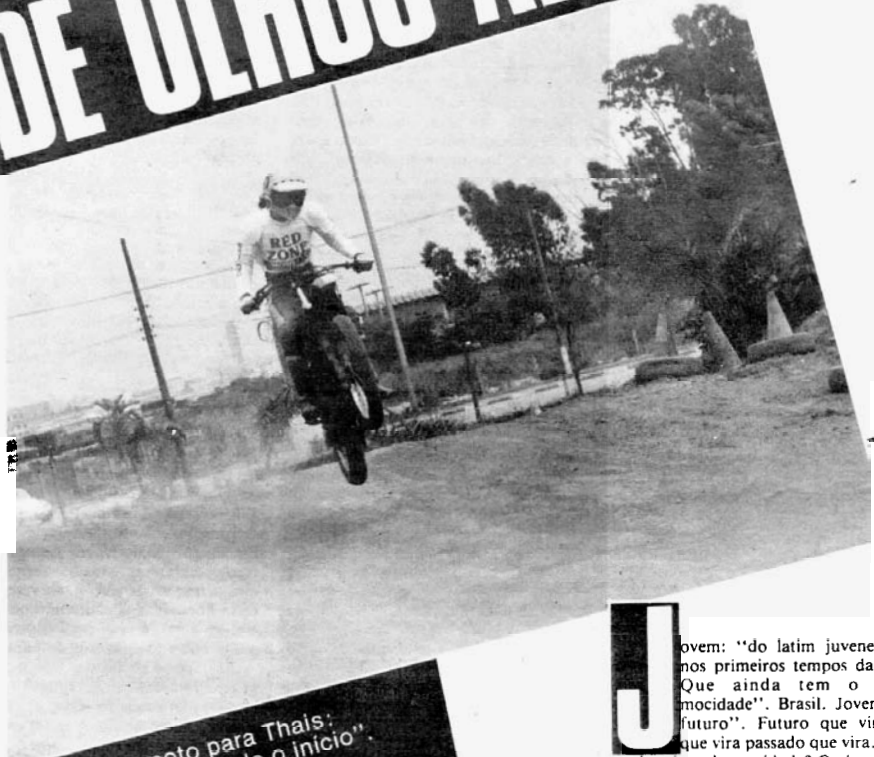


Tina, Banda Sem Nome,
"O Começo do Fim do Mundo"

JOVENS

VIVOS, DESCRENTES, DE OLHOS ABERTOS

O que é a juventude? Esse "estado de ser" que vende "saúde" e Coca-Cola, vende a própria juventude, ou uma imagem dela, provoca espetaculares shows musicais — alô "Rock in Rio" —, vira tema para os próximos doze meses: "Ano Internacional da Juventude"? Quem são os jovens? Difícil dizer... A dificuldade para as definições — se é que tem que haver — e para cobrir o tema, talvez não se deva só aos meus próprios 21 anos, mas à incerteza do que é "ser jovem". Nos limitamos aos que têm até 25 anos e, sem a pretensão de traçar um perfil do jovem brasileiro, como já foi feito, de forma estereotipada, na imprensa, preferimos saber o que pensam alguns jovens: Gilda Pompéia, José A.C.L. e Nasser Zakr, envolvidos com a política em diferentes níveis; Thais Kreimer, uma super motoqueira; Patrícia Castellani, uma jovem mãe; Nildo Ferreira, um breaker; Marcos, um "novo roqueiro"; e Sandra Coutinho, da banda "As Mercenárias", 'vanguarda urbana' musical. As idéias estão soltas. Os jovens, nas ruas. Aqui, um recorte.



A moto para Thais:
"vício desde o início".
Música, também.



Jovem: "do latim juvene. Que está nos primeiros tempos da existência. Que ainda tem o vigor da mocidade". Brasil. Jovem "país do futuro". Futuro que vira presente que vira passado que vira... Pra onde vai o vigor da mocidade? Onde está a voz da juventude? A voz, da maioria, que se cala na falta de espaços, numa sociedade, não só patriarcal, mas antagonicamente "juvenil".

A juventude parece ser a principal inimiga do poder. Houve em 68. Jovens tomando as ruas do mundo em protesto pela vida. Mortes.

No Brasil, contra o grito: "abaixo a ditadura", tropas de choque, gás lacrimogênio, prisões. A15. Começa a reinar o silêncio.

1984. No Uruguai, a juventude toma as praças pela restauração da liberdade democrática. No Brasil, amarelo, o jovem também saiu às ruas pelas diretas, pelo direito de votar (pela primeira vez) para presidente. Presidente que, se por lei não pode ter menos de 35 anos, na prática nunca tem menos de 50.

Apesar disso, os jovens não estão tão alienados politicamente quanto faz parecer a mídia e quanto deseja o sistema. O que prevalece mesmo é o descrédito total. Quem consegue acreditar em algo? E daí, um certo desinteresse de alguns: "Eu acho importante, mas não gosto... o importante pra eles (os políticos) é ganhar dinheiro".

Mas nem todos são desinteressados. Nasser Zakr, de 24 anos, integra o Movimento Brasil Futuro, que apóia a candidatura de Paulo Maluf à presidência. Gilda Pompéia, é uma vereadora gracinha do PMDB de Cotia, que tem 23 anos, e acabou comprando uma briga com o prefeito, também do PMDB, por resistir à instalação de mais indústrias numa região de terras cultiváveis. Virou a "vereadora

Ivany Buzzo



sando muito em sexo e esquecendo a parte do amor. Eu acho que você tem que, em primeiro lugar, pensar no amor, não no sexo em si. Tem muita gente invertendo isso".

Questionar a virgindade também é uma preocupação de José A.C.L., 25 anos, colaborador do jornal "Convergência Socialista". Ele observa que a repressão se dá tanto em falar que uma mulher tem que ser virgem, quanto em falar que ela não pode sê-lo. Mas conclui, "isso pega muito na classe média, na burguesia em geral. Porque essa abertura, não se dá, basicamente, no homem do campo e no operário, onde existe ainda um grande tabu, um grande machismo em relação a isso". Prosegue analisando que a opressão do homem sobre a mulher continua, mas na classe média, ela é meio escamoteada, "o cara fala que é liberal..." Assim como Nasser Zakr, que diz acompa-

ecológica" e percebeu "o quão suja é a política, o quanto de corrupção tem dentro dela, na luta pelo poder". E tem ainda a política estudantil, que apesar de multifacetada e um tanto desacreditada, continua rotando e aglutinando pessoas nas escolas e faculdades.



Sandra, a primeira da direita, carregando no som e mostrando um lado mais existencial d'As Mercenárias.

sexo, drogas e rock'n'roll?

Pode até ser. Aliás, desde Woodstock essa trilogia serve de receita para identificação-estereotipação do jovem. Mas, na real, a quantas andam esses valores?

Por exemplo, transar antes do casamento, para um homem é normal, mas para a mulher é um tremendo desperdício, isso na opinião de Nildo Ferreira, de 22 anos, integrante do grupo Funk Jr. Break. Ele diz que não quer ser machista, "mas se soubesse que ia casar com uma mina que já transou, eu não casaria". Para ele, a mulher tem que preservar a virgindade até o casamento, senão perde completamente o valor. Depois do casamento? "Ai é até uma obrigação". A homossexualidade é uma coisa que não devia existir. Mas existe. É aí? É uma pouca vergonha, uma coisa muito feia, nojenta".

Mas encorar a virgindade, mesmo reconhecendo-a como um "negócio ultrapassado" é o que importa para Thais Kreimer, de 20 anos, uma garota que além de pilotar sua moto pela cidade, pratica motocross e é instrutora de pilotagem de homens e mulheres interessados em tirar carta de moto. Para ela, o importante é se sentir bem, saber quando chega a hora. "As pessoas, hoje, estão pen-

nhar as mudanças nos padrões de comportamento, mas faz questão de deixar claro que apesar de "favorável a essa liberdade de manifestação", lamenta "a prostituição, a pornografia nas bancas, coisas que visam enfraquecer a juventude". Mas não é só. Como todo "jovem moderno", respeita a homossexualidade, achando que todos devem assumir o que são, "desde que não façam nada que possa lesar a sociedade, ou sair fora da lei", preocupação constante desse estagiário de Direito.

Quem levanta a questão das aparências e das essências é Gilda Pompéia, que vê por trás da opção de se transar tudo e todos, um sentimento íntimo de frustração. "Na hora de sentir prazer sexual é o maior grilo, porque pinta vergonha. No fundo o prazer é uma coisa de prostituta ainda na cabeça das pessoas." Ou seja, a velha e persistente dicotomia entre a santa e a puta. "Problema suamos por isso? Não, porque ainda vigora a questão da formação dos valores de sexo como uma coisa feia" e feita só para a procriação.

Frustração. Como resultado da busca de transas loucas, "por causa dessa onda de que tudo pode", mas que mostra que "lá todo mundo meio perdido". É o que acha Sandra, 25 anos, da banda "As Mercenárias". Quanto à homossexualidade, ela vê que as pessoas, talvez, estejam se assumindo mais, "apesar que sempre acabam em guetos, co-

mo uma saída pra se fortalecerem ou se assumirem". Assumir. A mulher como sujeito de seu desejo, falando sobre a sexualidade, do que gosta, o que gosta, ou simplesmente tendo o direito de dizer sim ou não, de acordo com sua vontade. Esses são alguns avanços detectados por Patrícia, 20 anos, dois filhos, recém descaçada. Assumir o tesão, "seja de uma mulher por um homem, de um homem por um homem, ou de uma mulher por uma mulher...". Estamos quebrando os preconceitos? Ela diz que já achou isso absurdo, mas hoje, apesar de não ter acontecido, "se pinçar o tesão (por uma mulher) vai ser normal".

"você pode fumar baseado"

Baby Consuelo cantou. A maioria dos entrevistados concordou. Desde que prevaleça o prazer. As justificações passam por questões culturais e até filosóficas, como as de Gilda: "a droga é utilizada desde os primeiros filósofos pré-socráticos, que usavam éter e ficavam num estado eufórico, de maior inspiração". Mas, ninguém esquece a questão da dependência e da fuga, dos excessos, talvez causados pela proibição, e principalmente, a capitalização do produto, o faturar em cima do proibido. Que o digam os traficantes e os policiais...

A repressão nos remete à família. Conflito de gerações. Controle, ou pelo menos, fiscalização da vida do jovem. Campo de concentração, onde se aprendem as "regras da vida", mas se impede de vivê-la. As vezes paieta uma certa liberalidade, mas como observa Patrícia, no geral, é uma falsa liberalidade, com muita cobrança por trás de uma "liberdade"



Ação e reação. Nasser maluf e o povo dança.

Wash

Heavy Macho

Sábado de manhã, rua José Bonifácio, loja de discos Woodstock. Discos novos chegando fora, rock pesado, heavy metal, som de garotos e seus casados pretas, fotos estampadas no peito. Como no início da década passada, algo está acontecendo para uma geração de meninos e suas turmas solidárias.

Marcos também tem a sua, composta com mais três amigos da mesma rua, lá no bairro do Imirim. 17 anos de idade, aluno do primeiro ano do 2º grau, magro e uma altura considerada "média", ele é um "rocker" autêntico e radical, como todos devem ser. Nada de samba, new wave ou slanceteria. "Música brasileira eu gosto do Patrullão do Espaço, Saldívar Mimimo e Camisa de Venus. As bandas preferidas? Deep Purple, Scorpions, UFO, e Michael Schenker Group".

O preço dos discos está pela hora da morte, mas Marcos sempre dá um jeito. Dos quatro mosqueteiros, ele é o que ganha menos, com um salário de office-boy. No entanto, isso não impediu a compra antecipada dos ingressos para "heavy" estarão tocando. Enquanto isso, o que resta é batalhar uma grana para os importados: "O dono da loja traz da Inglaterra e dá o maior prejuízo, mas eu gosto, fazer o quê".

Fã de um tipo de som massivo, pulsante e

descarilhado, Marcos lê avidamente as publicações nacionais e estrangeiras. Os ídolos estão lá, falando em sexo, garotas, drogas e rock'n'roll, tudo com muita prepotência e, se possível, uma boa dose de violência e satanismo. Bobo ele não é: "Esse lance é só para pou-pularidade. A maioria das bandas está nessa de diabo. Tem uma que se chama 'Venom', que, nas aberturas dos shows, sempre abrem dizendo 'das profundezas do inferno, venom!'. É muita besteira, só visual mesmo".

Política não é assunto preferido, embora tenha opinião formada sobre Tancredo e Maluf. "Os dois são mafiosos. O Brasil está afundando, não dá para afundar mais. Tinha que surgir alguém, mas não tem ninguém capacitado para isso".

Roqueiro tem em toda parte. Imirim, Casa Verde, Lapa, Penha, Mourumbi e outros lugares. Garotas no meio das turmas são poucas. Bandas de rock pesado com meninas são Mercenárias e Girlschool. E o sentimento vai ficando para o papo de sempre. Solitários, sem namoradas.

"Pra gente, mina é como garrafa de cerveja: usa uma vez e joga fora. Eu estou quase achando isso também. Mina é pra isso mesmo. Tenho duas írmãs, mas como nunca namorei nenhuma delas, entio são diferentes. As írmãs não querem nada com nada".

Luciano Borges



permitted". O resultado é um estado de angústia geral, que se mantém na medida que "se conservam muitos conceitos já superados, e a gente não tem opção, não tem outros conceitos pra colocar no lugar", como diz Sandra.

Mas, se para Thais a família é algo muito importante, para Nasser Zakr ela "é coisa primordial numa sociedade". Seu relacionamento familiar "é ótimo", apesar de considerar que "a nossa família, hoje, é muito conservadora", e revela ainda de suas preocupações: "doutrinas falsas e infiltrações internacionais que visam desintegrar a família...", incluindo aí a "teoria (sic) da libertação", que ele condena totalmente.

O restante de nossos entrevistados não revelou conflitos familiares. Será que não existem? Mas o José, da Convergência Socialista, depois de sublinhar o papel da família como sustentáculo do regime capitalista e de suas vertentes a nível social e econômico, arremata, um tanto cético: "eu não acredito no amor em meio à miséria, eu não acredito na família em meio à miséria".

sem açúcar: e os afetos?

Diante desse quadro parece que melou. Com exceção da Thais, que acredita no casamento, "de papel passado, igreja, vestido branco e toda aquela fantasia", o restante é unânime quanto à crise do casamento e das relações de um modo geral. "O afeto é uma coisa super mal transada". As explicações vão da crise econômica ao desgaste de valores, sem que se consiga renová-los. O que parece é que todos se buscam desordenadamente e os encontros ficam cada vez menos frequentes.

Desencontros também predominam nas estruturas de ensino. As faculdades, cada vez mais privatizadas, não estimulam a pesquisa e o debate. Entre os estudantes alastra-se o desinteresse. A escola é mais o ponto de encontro e a possibilidade de desenvolvimento intelectual. Remota. Sandra, por exemplo,

depois de cursar a Escola de Comunicações por algum tempo, é enfática: "duvido que alguém saia sabendo o que faz das faculdades". José, da Convergência, também não deixa por menos: "a universidade não dá a mínima consciência de classe, a mínima formação e ainda forma, basicamente, mão-de-obra barata e desempregada". Apesar disso, o jovem, quando pode, continua procurando a faculdade. Seja por imposição social, status, possibilidade "de abrir novos horizontes", como para Patrícia, ou simplesmente por achar, como Nildo, que "uma pessoa sem estudo não é nada hoje. Com estudo já não é, que dirá sem ele"...

transas de trampo e corpo

O trabalho talvez seja a grande pedra no sapato da juventude. Por um lado representa a possibilidade de libertação da família, por outro, a necessidade de enfrentamento da vida adulta, a afirmação na sociedade. Nesse sentido, raramente as opções profissionais são feitas de acordo com as preferências e interesses pessoais, sempre sujeitos à necessidade de inserção no mercado de trabalho, que não se apresenta nada receptivo.

Gilda Pompéia diz que "as opções pra juventude são muito barra pesada, porque eles nunca foram levados a sério. Os jovens são extremamente desvalorizados... eu vejo que tem uma criatividade sendo podada, porque não interessa ter um jovem inteligente na sociedade".

Que fazer então? A TV dá o recado: "esperte e vida. Pratique esporte". Pode ser uma. "Eu acho que quanto mais fizer é melhor pro corpo". Opinião do Nildo, do grupo break. Gilda Pompéia, que sempre gostou muito de esportes e agora pratica equitação — uma paixão! — acha fundamental: "ajuda demais a transar o corpo, a transar a sexualidade, e o debate. Entre os estudantes alastra-se o complemento indispensável ao motocross, que exige fôlego e ritmo. Outras meninas que também fazem motocross, preferem

Patrícia maternando. Gilda defendendo o verde. José pondera: "a mulher tá dando um susto no homem".



à musculação. Mas, para ela o esporte sempre esteve presente. Praticou hipismo durante 10 anos, ganhando prêmios em Brasília, Porto Alegre, Rio e São Paulo. Nasser diz que lá foi um grande esportista. "Praticava tênis, futebol, basquete e natação". Hoje, devido à falta de tempo e ao excesso de atividades, só pratica correndo. José, da CS, nota que "nesses 20 anos de ditadura, o esporte foi usado, basicamente, como alienação. Esporte não é uma coisa alienante, ele pode te levar a uma consciência muito grande do teu corpo, da tua mente e da função do corpo em relação à sociedade". Sandra acha que cada um tem que descobrir o que é melhor pra si, ela tem feito ioga e Kung-Fu, e acha necessário esse tipo de coisa porque a gente tem uma vida muito desequilibrada". Patrícia gostaria de ter "tempo e grana", porque acha fundamental praticar um esporte, ou fazer dança, "de qualquer jeito, mesmo que seja pra ficar pulando uma noite toda, porque você pode estar tudo pra fora, tudo que você ficou somatizando o dia todo no teu corpo. E dança é isso, se transar, conhecer melhor as coisas que você tem".

"se eu quiser falar com Deus"

A Igreja está em baixa com a mocidade. Patrícia diz que "ela é tão capitalista quanto o governo, que só quer saber de grana, e o que é pior, os dois mais humildes de uma forma nojenta". Nasser Zakr, acha que "a Igreja não pode assumir qualquer papel que vise desestabilizar uma sociedade, que vise participar do ambiente político, mudar um sistema... o papel da Igreja é o da pregação. Quanto o religião, só acredita em Deus, posição compartilhada pelo jovem break. Thais é católica, mas atualmente está mais interessada na energia das pirâmides. Sempre gostou de astrologia (é aquariana, com ascendente em aquário) e de coisas místicas. Mistério e indifeições. Gilda Pompéia, apesar de atrair muito "esse papo de astrologia, energia, ma-cumba", nunca sentiu necessidade de se agarrar em coisas desse tipo. Tiro um pouquinho que tem de legal nessas coisas, mas não tenho nada definido, não gosto de me definir...". Sandra acha que existe alguma coisa, sente que "rola uma energia, mas não sei dizer, não tenho nenhum conceito...". José, da CS, tem. Diz que pode até acreditar na questão das energias que atraí as pessoas, e pode "te deixar carregado positiva ou negativamente, mas não acredito na existência de nenhuma entidade superior, que te domine, que te comande. Eu acho que a ciência já deu prova concreta de muitas coisas pra quem continua acreditando que existe um paraíso esperando a gente depois da morte."



Eu acho que o paraíso tem que ser construído aqui mesmo."

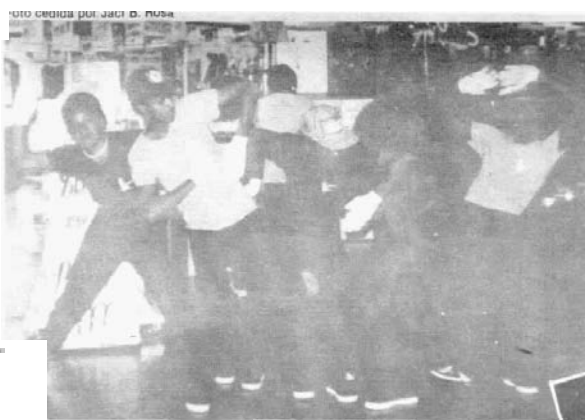
ídeos e gurus

Se "Deus está solto" como declarou Caetano Veloso no final dos anos 60, os mitos desta geração, por sua vez, estão ocultos. Ou perdidos em alguma esquina do passado. José diz que seus mitos dançaram quando ele aprendeu a confiar em si. Mas já existiram. Pelé, Che Guevara, Fidel Castro e Trotski. Para o jovem malufista nada mais natural do que ter Maluf como mito, "representante de uma nova era". Ao lado do "grande democrata Abraham Lincoln" e do papa João Paulo II. Patrícia considera Chico Buarque um mito, "porque as canções, as coisas que ele escreve me dão uma puta experiência, um enriquecimento cultural, mas eu não vejo que tenha que existir mitos". Essa também é a opinião da Sandra, que diz não ter e "quando pinta alguma coisa assim, eu tento lutar contra, porque o que acontece é que todo mundo é muito imagem... Não sei porque todo mundo precisa de um guia. Acho que precisa é acordar pra agir mesmo". Perfeito! — Mas se o mito tem o caráter estagnante de fazer você ficar babando enquanto o mundo corre louco, se ele não passa de mera criação do sistema, tem também o lado da fantasia, como diz Gilda Pompéia: "o racional está tomando muito conta da fantasia e do emocional. A existência do mito, a existência da fantasia é uma coisa importante pra te ajudar a reviver, a florescer". De todo jeito, independente da sua função, a constatação é evidente: não há mitos. No máximo ídolos...

Chico Buarque, Caetano e Gil, são as preferências de Nasser, que como nacionalista confesso só dar valor à música brasileira, que considera riquíssima. Nildo gosta de ouvir break; Bufalo Girls, Electric Boogies", África Bambaataa e Malcolm McLaren. Gilda nunca transou muito ouvir música, prefere cantar, e gosta muito do silêncio. Sandra escuta tudo, mas gosta de coisas esquisitas, "que despertem alguma coisa, que traga informação nova". Thais, José e Patrícia também ouvem tudo, "pode ser uma música do Blitz", "música clássica: Haendel e Vivaldi", "new wave pra dançar", mas as preferências ficam por conta de Chico, Egberto, Lô Borges, Beto Guedes, Milton Nascimento, Hermeto Pascoal...

livros e filmes

A literatura não mobiliza tanto, seja por falta de tempo, disciplina, ou simplesmente por uma questão de preferência, como no caso de Gilda que gosta mesmo é de gente; "odeio a solidão ... acho que eu troco um pouco esse negócio (música, livros) por um bom papo". Mesmo assim cita Fernando Pessoa, Maiakovski, Machado de Assis e Tomas Mann. Patrícia, por exemplo, já lê "qualquer coisa, mesmo quando as pessoas falam que é uma droga, quero ler pra saber se é uma droga mesmo". Suas preferências são mais os políticos e, do que leu recentemente o que mais marcou foi "Nós", do dissidente soviético Zamiatin. José está lendo Loyola

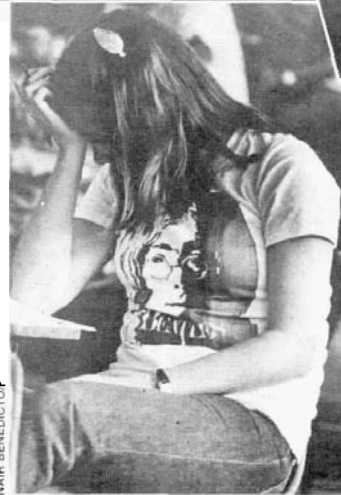


direto e também muita literatura latinoamericana: Borges, Vargas Llosa.

O cinema deve ser a nova paixão dos jovens. Quem foi à Mostra Internacional, aqui em São Paulo, pode ver. Senão, basta ir aos cinemas e cineclubes para constatar. Patrícia acha que o filme tem que questionar, "eu quero assistir um filme que me traga alguma coisa. Pode ser político ou da relação entre as pessoas. Eu me ligo muito nisso." Fúryo, foi um filme que pirou sua cabeça. Gilda revela um fanatismo: Herzog, "pra mim, um Deus!". Blade Runner e Apocalipse Now foram os filmes mais marcantes para Sandra. Nasser cita Costa Gravas; dos nacionais tenta lembrar o nome de Pra Frente Brasil e diz que "os filmes daquela japonesa" (Tizuka Yamasaki) são excelentes. O José diz estar acompanhando pouco o cinema por falta de grana, mas suas preferências são os nacionais: Denoy de Oliveira, João Batista de Andrade, Tizuka Yamasaki e Ana Carolina, "que eu gosto muito, ela mexe com um assunto que pouca gente mexe, que é a sexualidade feminina"...

e a mulher?

A visão que o jovem tem da mulher está muito influenciada pelos meios de comunicação. O feminismo não é visto com preconceito por se tratar de "um fenômeno assimilado pela sociedade", como observa Felícia Madeira, pesquisadora da Fundação Carlos Chagas. Isso talvez explique a posição do Nildo, que acha que a mulher perde totalmente o valor se transa antes do casamento, mas reconhece a importância de se lutar pelos mesmos direitos do homem, porque acha que



MAIR BENEDETO

"tanto negro, branco, japonês, qualquer um, de todas as raças, homens e mulheres, todos têm os mesmos direitos". Nasser Zakr acha que a mulher "deixou de ser aquele objeto e hoje ela praticamente está conseguindo a sua satisfação maior, de igualdade, quer dizer, praticamente, porque ela ainda não conseguiu, mas está se esforçando e nós estamos sentindo que a mulher tem toda capacidade". O José acha que atualmente, "principalmente a mulher de classe média tá a cada dia ocupando mais espaços e dando uma sacudida no homem... que sempre teve acostumado a ter um domínio total do espa-

...funk total: quebrando a cabeça e o corpo.

ço". Para Sandra a batalha tem que se dar é no espaço doméstico, "batalhar no conceito, na criação de como o cara é criado... Quantas discussões conjugais existem que nunca se resolve, porque um homem nunca entende o que uma mulher passa. Nunca vi um homem que entendesse os problemas que a gente passa, as loucuras...". Loucuras. Ela acha que "a luta tem que ser geral mesmo ... não se pode ficar só na coisa específica, o negro, a mulher...", mas reconhece que as mulheres estão trazendo coisas novas "que estavam submersas, coisas de criatividade", principalmente na área da música. "É bom ouvir banda que tenha, pelo menos uma mulher. Já encheu ver só homem". Patrícia acha que a mulher está num "processo gradual de desenvolvimento e igualdade; principalmente na nossa geração não tem muito machismo, ele se dá mais é na relação afetiva". Já Gilda Pompéia não vacila: "a mulher é o agente revolucionário, na sociedade é sempre ela que revoluciona".

Punks, not dead?

Em 1976 explode o punk. O quartel general é a aristocrática Londres. Principais bandas: The Sex Pistols, The Clash. Excessos por todos os lados, que culminam com a morte de Sid Vicious, vocalista dos Pistols, por uma overdose de heroína. 1979. O punk está morto? Surgem novas bandas. Em 1981 o movimento ressurgiu com força total. Da Inglaterra para o mundo. No editorial da revista "Punk's Not Dead", citado no livro de A. Bivar: "O que é Punk", Gary Bushell dá o tom do movimento: "...contra a hipocrisia, a complacência, o conformismo, o tédio e contra um mundo baseado em pompa e privilégio, no qual o jovem tem pouca chance de manifestar-se e o jovem das classes mais baixas menos ainda." A tônica é a revolta. A política, o anarquismo.

No Brasil, leia-se São Paulo, os primeiros registros são de 78, mas o grande boom será em 82. Algumas bandas: Inocentes, Cólera, Suburbanos, Exterminio, Banda Sem Nome,

Skizitas (estas duas últimas de mulheres).

Novembro, 1984. Tina, da Banda Sem Nome, procurada pelo Mulherio para uma entrevista, nega-se. "Os punks viraram new waves. Não tem mais nada a ver falar de punks agora..."

Para Sandra, da banda "As Mercenárias", o punk veio como uma identificação, "as pessoas se expressavam naturalmente daquele jeito. O preto é uma coisa de luto mesmo, de reação. O rasgado é uma coisa real que você vive, então por que não viver rasgado?" Quanto à possibilidade das bandas terem virado new wave, coisa que realmente aconteceu na Europa, em 77, com algumas bandas punks, ela não vacila: "O que eu acho que aconteceu foi que eles não souberam dar a volta por cima. Porque com o tempo tudo é absorvido pelo sistema. Então, o punk foi absorvido como moda, foi engolido, e hoje é vitrine do Mappin, sei lá o quê".

Dos punks damos uns passinhos para os

breakers. Em comum: o fato de que ambos nasceram na periferia dos centros urbanos. Estados Unidos, 1969. James Brown interpreta "Get on the Good Foot". 1970, gangs nas ruas do Bronx entusiasmadas com a dança de Brown, trocam a briga pela dança. Nasce o break. São Paulo/Rio de Janeiro, 1983/84. A onda break toma conta das ruas ganha abertura da novela Partido Alto, na Globo, uma revista "especializada", Break, e concurso no programa do Chacrinha, invade os shoppings centers, dançeterias, faz apresentações junto com astros da MPB, comerciais para a TV, ensaia seus passos nas academias de dança e têm até um programa na TV Record: (RJ) "Video Break".

Para o grupo "Funk Jr", de São Paulo, os Estados Unidos estão em primeiro lugar na dança e o Brasil, talvez, em segundo. Aqui, tudo começou com o filme "Flashdance" e os vídeos que passaram na TV... (1B)

Cecilia Simonetti

A INVASÃO DAS BRUXAS



Waldick Soriano está mesmo por fora. Falou numa entrevista à Folha de São Paulo (de 30.11) que quer "calar a boca dessas mulheres que andam dizendo de sexo, de como o homem deve proceder..." Tome cuidado com elas, porque algumas até já sabem como enxergar o próprio colo do útero sentadas. Mágica? Bruxaria?

E mais. Pra calar a boca dessas mulheres não haverá folego que baste. Só em outubro e novembro elas realizaram três encontros, dois em São Paulo e outro no Rio.

Um deles, no convento das irmãs de Jesus Crucificado de Itapeçerica da Serra/SP, foi o 1.º Encontro Nacional sobre Saúde da Mulher, com gente de 19 estados. As feministas que organizaram já estão abrindo a boca do trombone há muito tempo, não vão fechá-la tão fácil: as Casas da Mulher do Grajaú e da Bela Vista, o Serviço de Orientação da Família (SOF), o Coletivo Feminista Sexualidade / Saúde e o Centro Informação Mulher (CIM), todos eles de São Paulo. E as 150 pessoas que vieram mostrar o que andam fazendo, deixaram o encontro com ânimo pra agitar ainda mais. Dê só uma olhada.



A oficina de saúde mental da Casa da Mulher do Grajaú trabalha estereótipos com a dança.

Irmã Irene

Num quarto pequeno, doze mulheres deitadas em almofadas, colchonetes, acabam de fazer um relaxamento se preparando para o auto-exame ginecológico, organizado pelo Coletivo Feminista Sexualidade/Saúde. Quem quer começar? A primeira que se apresentou, uma mulher mais velha que todas nós, aquela cruz no peito me intrigando, foi tirando a calcinha, observando atentamente as instruções de como colocar o espêculo na vagina. Irmã Irene, da paróquia de São Felix do Araguaia, Goiás, quebrou alguns tabus meus: " Vim pra este encontro aprender o máximo de coisas para ensinar às mulheres da minha comunidade. E só vou aprender fazendo em mim mesma, participando em todas as oficinas do encontro". Cumpriu a palavra.

Fernanda

"Estou cansadíssima porque estou me mexendo inteira. Ontem fiz o grupo do SOS-Corpo de Recife, que me fez mergulhar em mim. A proposta era de cada participante esquecer que era profissional de saúde e se pensar como pessoa, como mulher, como vive sua sexualidade, representando seu corpo, ou parte dele, usando massa de modelar. Eu fui nessa e vivi toda a dificuldade de falar dos meus tabus, dos modelos de relação ideal que me influenciavam, etc. A dificuldade não foi só minha, foi do grupo todo que achava mais fácil falar das outras, das mulheres. Depois engrenamos, ficamos quatro horas discutindo. É impressionante nossa riqueza de produzir, criar coisas novas". Fernanda, do Rio de Janeiro, economista que agora trabalha com saúde da mulher.

Eliane

Deixar os seios tomando sol da manhã (não mais de cinco a dez minutos por dia), durante toda a gravidez e amamentação, é ótima solução pra evitar rachadura de mama. O calor vai alargando os canais mamários e o leite começa a escorrer, como mágica. Ainda mais se a gente massagear o seio com o colostro, que é oleoso, protege a pele, é até bom pro rosto, pra conjuntivite! Lavar o seio com chá de fígoda antes do sol também é uma boa pedida. A noite, um emplastro de confrei, misturado com óleo de amêndoa também combate a rachadura. O banho de sol dá até pra fazer em praça pública, enquanto o nenê mama num peito, o outro toma um pouquinho de sol, ninguém vai reparar.

Assim Eliane resumiu sua experiência na maternidade do bairro de Costeira, Florianópolis, que começou com três mulheres. "O número foi crescendo e chegamos a dez mulheres que iam pro jardim do hospital dar banhos de sol nos seios. Depois de oito meses, quando a experiência começou a ficar boa mesmo, fui transferida para o plantão noturno".

Margarida

As prostitutas de Inhambupe, Bahia, "escravas" do dono do salão, são compradas ou trocadas nas cidades vizinhas, e substituídas por nova leva a cada seis meses, quando já estão gastas ou muito usadas. Em troca de alimentação apenas, são obrigadas a satisfazer todos os desejos dos clientes. Um deles: estuprar a menina de três meses que a mãe carrega pro quarto de trabalho porque não tem aonde deixá-la. Margarida, da Pastoral da Terra de Bahia, está pensando em criar uma creche na zona, "o problema é conseguir financiamento pra isso, o pessoal acha que esse trabalho deve ser voluntário".

Alternativo e oficial, eis a questão

Estes relatos mostram o caráter inovador, educativo, contra o autoritarismo do poder médico e de resgate do saber popular, que a maioria das experiências alternativas apresentam.

Uma das dificuldades dos grupos autônomos diz respeito ao financiamento, que a maioria ainda não tem. Batalhar por ele é importante, a autonomia dos trabalhos não vai dançar por causa disso, foi uma das conclusões do encontro.

Por outro lado também as experiências novas que estão acontecendo dentro da rede de saúde pública em alguns estados como São Paulo, Goiás, Pernambuco, etc, esbarram em algumas dificuldades. Nos centros de saúde de Goiânia, que estão reorganizando os serviços de atendimento a mulher para implantação do Programa de Assistência Integral a Saúde da Mulher (PAISM), alguns problemas já estão surgindo, como diz Aline

as mulheres, os médicos começaram a reclamar que elas estão exigindo demais..."

A preocupação de algumas entidades do governo de discutir com grupos autônomos

— feministas ou não — as atividades que vêm desenvolvendo há anos, conduziu por exemplo a realização do Encontro sobre Práticas Educativas no Cuidado da Saúde da Mulher, no Rio de Janeiro, em outubro. Quem organizou foi o Ministério da Saúde (PAISM) e o Programa Regional Mulher no Desenvolvimento (da UNICEF).

Fato semelhante se deu no 1.º Encontro de Saúde da Mulher da Zona Sul de São Paulo, promovido pelas Secretarias Municipal e Estadual de Saúde, Conselho Estadual da Condição Feminina e União das Mulheres da Zona Sul. Os dois secretários presentes, João Yunes e José Guedes, depois de responderem a perguntas como "mulher pode transar menstruada? tem que lavar a xoxota depois da relação?", adiantaram que "a pressão partida dessas mulheres a curto prazo estará exigindo o máximo de rendimentos dos serviços que oferecemos a comunidade."

E vamos exigir mesmo! Dia 12 de dezembro todas as mulheres que estiverem presentes ao encontro nacional... e as delegações oficiais de suas cidades a Carta de Itapeçerica onde, entre outras coisas, reivindicamos a participação de grupos de mu-

lheres na elaboração, execução e fiscalização dos programas relativos à saúde da mulher, a fiscalização e interferência pelos grupos de mulheres nos serviços de planejamento privados, instalados com o aval do governo, educação sexual para toda população, a recuperação do saber popular, individual e feminista, contra a excessiva medicalização, em favor da revalorização das formas naturais de viver.

Além da Carta, um outro documento sobre o aborto foi assinado por muitas participantes do encontro. Propõe a descriminalização do aborto por razões de estupro, incesto, deformidade ou doença fetal, ou indicações socio-médicas gerais. Também faz outras sugestões, uma delas que se apresentem através de deputados (as) e vereadores (as) projetos de lei exigindo pronto atendimento médico nas redes de saúde nos casos de aborto já legalizados, desvinculando a realização do aborto dos trâmites burocráticos da justiça.

Dica: logo mais vai sair um boletim com o texto do encontro nacional... pra ter acesso aos documentos ou informações, basta entrar em contato com os grupos de coordenação.



Enquanto o encontro rotava, farta venda de obras teóricas ao lado de objetos práticos.

MENSTRUACÃO

Ethel Leon e Maria Otília Bocchini

No pára-choque de um caminhão:

“Alegria de pobre é que nem menstruação de mulher — só dura três dias.”

Quando ficam menstruadas, as índias bororo trocam a faixa marrom com que recobrem a vulva por uma faixa preta. E usam um tipo de absorvente de fibras vegetais macias. Nesse período deixam de realizar algumas atividades, como fazer cerâmica, e descansam mais.

As brasileiras das cidades tratam de grudar seus absorventes nas calcinhas e ajeitá-los bem para que a menstruação não seja notada. E, se trabalham fora de casa, tratam de trabalhar normalmente, como se nada estivesse acontecendo.

Numa cidade como São Paulo, há apenas 30 ou 40 anos, não era raro ver mulheres na rua com manchas de sangue menstrual na roupa. Era a maior vergonha. Ninguém falava sobre menstruação. As moças não tinham coragem de lavar suas toalhinhas nem na frente das irmãs, que dirá na frente da mãe, do pai ou dos irmãos!

Mas até hoje a menstruação é tabu.

— Ao invés de comemorar a chegada da menstruação numa jovem — o que atesta que seu corpo funciona perfeitamente — o que se faz em geral é enchê-la de temores e advertências” — afirma Cecília Cardenal, pioneira em educação sexual na América Latina.

— A menstruação ainda hoje é vista como um “incômodo”, uma coisa chata, ponto negativo da feminilidade” — afirma o ginecologista Nelson Vitiello, com base em sua experiência clínica.

O sangue que é sujo

Associada a uma sujeira tipicamente feminina — quem assistiu ao filme de Nagisa Oshima, *Império dos Sentidos*, deve ter-se arrepiado no momento em que o homem introduz o dedo na vagina da amada, o dedo sai vermelhinho e brilhante de sangue menstrual e ele chupa o dedo. Ninguém se chocaria se a moça tivesse cortado o braço e ele chupasse o sangue, ajudando a cicatrizar o ferimento...

Numa pesquisa sobre higiene genital feminina respondida por 689 mulheres, o dr. Nelson Vitiello constatou que das 450 entrevistadas com vida sexual ativa, 294, ou seja, 65,3 por cento não mantêm relações sexuais durante a menstruação. Embora 81,6 por cento das mulheres não restrinja suas outras atividades nesse período. Na mesma pesquisa, um ou

tro dado revela como a noção de sujeira está vinculada à genitalidade feminina: apenas 13,1 por cento das entrevistadas não se lava depois de ter relações sexuais.

O corpo para o lucro

Apesar de ainda restrita, a discussão sobre menstruação vem ganhando espaço na literatura médica, na imprensa feminina. Um dos temas prediletos nos últimos tempos vem sendo a Tensão Pré-Menstrual, um quadro de sintomas — que varia da dor de cabeça ao inchaço, irritabilidade, etc — responsável, em parte, segundo algumas pesquisas, por acidentes automobilísticos, homicídios e suicídios realizados por mulheres.

Essa tal de TPM (pois é, já ganhou até sigla) só entrou em cena, não em função do bem-estar das mulheres, mas porque nos Estados Unidos se constatou um prejuízo anual da ordem de 5 milhões de dólares atribuído à queda de produtividade das mulheres que, durante dez dias num mês, apresentam sintomas que as impedem de trabalhar normalmente.

Ou seja, agora existe uma investida para tratar (em termos médicos) de sintomas que têm que desaparecer. Não se trata, portanto, de reconhecer um período em que a mulher passa por alterações físicas a serem respeitadas, em termos de atividade e alimentação.

É evidente que assumir a menstruação como uma especificidade feminina implica também em problemas. Se as mulheres exigem alguma legislação protetcionista, ai delas! Mais um motivo para a discriminação no trabalho.

E os absorventes modernos indicam essa necessidade de esconder a mens-

truação, fingir que ela não existe. Os paninhos e toalhinhas de antigamente eram para estar em casa, trocar a cada pouco. Estar na rua e trabalhar fora foram mu-

danças que exigiam novos absorventes para recolha do sangue menstrual. As mulheres mais jovens foram adotando os absorventes industrializados.

E eles são formados de plástico molinho e aquecem tudo lá embaixo, favorecendo a reprodução de germes, produzindo um cheiro estranho, mistura do cheiro do sangue menstrual com os “perfumes” dos absorventes ditos perfumados. Mas a última moda mesmo é usar absorvente colante todo dia, fazendo desaparecer no papel todas as cores, texturas, perfumes e gostosuras das gosminhas e liquidinhos que as mulheres produzem durante o ciclo.

Essas modernidades todas são para quem pode gastar, em média, 7 mil cruzeiros por mês com esses produtos. Mui-

tas mulheres, aqui no Brasil, continuam usando paninhos, papel higiênico e até jornal, segundo relatos. A maioria das mulheres também continua tendo muito pouca informação sobre seu ciclo.

Se os absorventes não são para todas as bolsas, seus anúncios são mais “democráticos” — atingem quase todas as mulheres. Apresentados nas páginas de revistas e na televisão, fazem desaparecer nossa proverbial sujeira, devolvem nossa pureza perdida, porque com eles podemos usar roupas imaculadamente brancas. Nos anúncios predominam o branco e o azul e — reparem só — não há nenhum tom avermelhado. (Até mesmo naquele comercial que mostra o quanto o absorvente absorve, lembram? O teste é feito com tinta de caneta, em associação com um mata-borrão, a menstruação seria um borrão que mancha o mundo?...)

Nem os médicos se entendem

A controvérsia sobre os absorventes hoje envolve diversas orientações de saúde. Entre os médicos as opiniões são bem divididas. O dr. Nelson Vitiello defende a utilização do absorvente interno, “seu uso é mais fácil, inócuo, protege melhor, não irrita os genitais externos, enquanto o externo aumenta a temperatura local, produzindo irritações.”

Tania das Graças Santana, ginecologista, aconselha a alternância dos dois tipos de absorventes. “Como eu mesma faço. De dia uso o interno, à noite ponho o externo. Assim dá para descansar e não irrita nada.”

Luci Toqueci, homeopata, acha que os tampões devem ser evitados, tanto pelo esfregaço que produzem na vagina eliminando dali a mucosa protetora, quan-



CYNTHIA

Lúcia Villares

*Após menstruar
sou generosa em atos exteriores
propicia a arriscar tudo que tenho.
Pontadas despertam meu seio,
o vento da rua é quente
e amar é conquista.
O 15º dia passa sem que eu
perceba.*

*Depois,
sou propensa à provisão
e à placenta.
O corpo desce rente à terra,
inflamado de dor.
Amar é reconhecer
um grão de milho,
essas coisas túrgidas.*

Lúcia Villares é poeta, autora de Papos de Anjo (poemas), Ed. do Autor, John Lennon no céu com diamantes, Ed. Brasiliense, Lua lua e O Rio e o cofre (infantoljuvenis), Ed. Brasiliense.

O incômodo da impureza

Nidá é o tratado do Talmud Torá sobre menstruação. Esse livro resume as idéias da cultura judaica sobre o assunto. É aí que estão as raízes da cultura ocidental em que vivemos.

“Nidá significa separação e também a mulher menstruada a quem se proíbe toda e qualquer relação de intimidade com o marido, até que se realize sua purificação através da imersão ritual.”

De acordo com a Bíblia, são fontes de impureza os cadáveres, os leprosos e as secreções ou sangramentos dos órgãos sexuais humanos. A mulher é considerada impura ainda por mais sete dias após o término da menstruação e seu estado de impureza pode transferir-se a objetos, utensílios, roupas e pessoas.

No judaísmo, a punição pela violação dessas leis consiste no desligamento do povo de Israel, uma espécie de excomunhão que dá bem a medida da importância desses preceitos.

O período de separação da mulher começa antes da menstruação e dura até após a purificação. Na época prevista para a menstruação, a mulher deve examinar-se introduzindo na vagina um paninho branco ou algodão. Assim que surgir qualquer mancha avermelhada, deve comunicar o fato ao marido e a partir daí, evitar qualquer contato físico,

qualquer carinho, evitar até passar objetos ao marido.

Nos cinco dias (ou mais) da menstruação a mulher permanece em estado de impureza. Os sete dias após a impureza são dias de limpeza. Para verificar se o fluxo acabou mesmo, a mulher deve enfiar de novo o paninho na vagina, em horários determinados. Se acabou, deve vestir roupa de baixo branca, como prova do período de limpeza. E botar lençóis brancos na cama.

Na noite do sétimo dia vem o banho ritual purificador, numa banheira especial chamada mikvé. Uma outra mulher deve supervisionar o banho para verificar se todo o corpo foi coberto pela água. Na mesma noite o casal deve (atenção: não é pode, é deve) recomençar suas relações sexuais.

Segundo os rabinos, esse período de separação do casal serviria para evitar os abusos causados (!) pelo excesso de intimidade e para afastar o tédio e a desarmonia. E também para que o homem não olhe para a mulher como objeto sexual a seu dispor...

As informações sobre a concepção judaica da menstruação foram extraídas do livro A mulher impura: menstruação & judaísmo de Vera Lúcia Chahon, Rio de Janeiro, Editora Achiamé, 1982.

to pela indesejável retenção das toxinas.

Em diversas partes do mundo mulheres que criticam a excessiva ingerência médica sobre seu corpo propõem a confecção doméstica de absorvente. Com algodão, paninhos e até ervas como a camomila, indicada como calmante nas irritações da vulva. Nada de plástico, nem de trapo industrializado. E quem quiser o absorvente fixo na calcinha, pode usar a fita crepe.

Menstruação é modernidade

O debate médico não se fixa apenas no absorvente. Vai muito mais longe. O pesquisador em ginecologia e obstetria, Roger Short da Universidade de Edimburgo, afirma que a menstruação, tal como é vivida hoje pelas mulheres, não é nada natural. Até uns duzentos anos atrás, segundo ele, a mulher começava a ovular bem mais tarde, lá pelos 18 anos de idade.

As mulheres prolongavam o aleitamento como método anticonceptivo natural, o que provocava amenorréia (ausência de regras) durante um longo tempo. Comparando com a situação de hoje, em que a mulher menstrua dos 13 até perto dos 50 anos, Short afirma que as mulheres não estão geneticamente adaptadas para enfrentar tanto sangramento.

Assim, ele avalia as cólicas, mal-estares, depressão e tensão pré-menstrual como resultados diretos da “anormalidade” dos constantes ciclos menstruais. E sugere que as perturbações do comportamento são consequência de uma ação hormonal não prevista pela Natureza sobre o sistema nervoso central e também uma consequência das dores uterinas e da constante presença de prostaglandinas a nível uterino (coisa que antes não era frequente).

O fim da regra mensal?

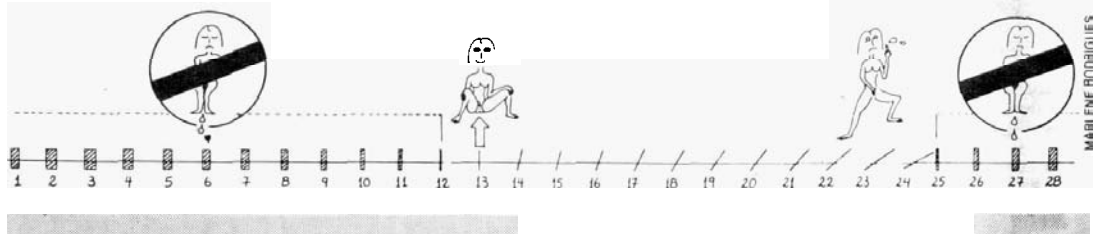
O câncer de mama e o câncer do colo do útero são apontados por Short como prováveis resultados desta deformação biológica causada pelos novos costumes. Esta visão de Short se aproxima da experiência clínica da médica homeopata Lucí Toqueci para quem há sinais de mudança na fisiologia feminina como períodos mais curtos de gravidez, maior quantidade e variedade de doenças nos seios, nos ovários e no útero.

Short propõe a criação de anticoncepcionais não esteróides (só progesterona) que permitam longos períodos de amenorréia, tentando recuperar o que a civilização destruiu, ou seja, a possibilidade de manter os ovários e o útero em repouso enquanto não se deseje a fecundação.

Lucí Toqueci aposta numa evolução natural. Ela não se surpreenderia se os ciclos menstruais se tornassem gradativamente mais longos, adaptados aos novos ritmos de vida. E pergunta: “Afinal, será que a sobrevivência da espécie, nas condições atuais, precisa mesmo que cada mulher garanta doze oportunidades anuais de reprodução?”

As idéias do dr. Roger Short foram desenvolvidas em várias pesquisas e apresentadas no livro “O fato feminino”, coordenado por Evelyn Sullerot. Esse artigo foi comentado por Anilú Elias, na revista mexicana Fem de outubro/novembro de 1984.

A pesquisa do dr. Nelson Vitiello sobre Higiene genital feminina foi publicada na revista Femina, de setembro de 1983.



E os homens, como é que transam o “pacote”?

José Carlos Lopes, médico sanitaria de Campinas trabalha com educação sexual junto a jovens e a mulheres. Na época do primeiro namoro, desinformados ele e a namorada sobre práticas anticoncepcionais, a menstruação representava o sinal verde. “Se alguma coisa descia, a outra não podia subir. E assim cada menstruação era uma festa, não havia a preocupação com a gravidez.”

José Carlos reconhece que para os homens resta muito a aprender, pois é difícil “ter desejo e não poder parir, não poder carregar um filho na barriga, não poder dar o seio e não ficar menstruada.”

A entrevista que segue já traz outra experiência. É de João Caldas Filho, fotógrafo, com 27 anos, que deu o depoimento a Aninha Figueiredo.

O que você pensa da menstruação da mulher?

Nunca penso nesse assunto. Só quando transo com uma mulher menstruada. Ai entro em contato com a menstruação da mulher. Eu tinha uma imagem de que não se devia transar com as mulheres quando estavam menstruadas porque elas mesmas avisavam ou previniam que não podiam transar. Se fosse uma prostituta falaria diferente: “hoje não dá, meu bem, estou de pacote”. E eu acho que tem várias mulheres que não gostam mesmo. E ai isso vai criando uma idéia negativa da coisa. Eu sempre tive a impressão de que eu acabava de ter um prazer mas parecia ferido, quando saia eu estava todo ensangüentado.

E hoje como fica?

Hoje isso mudou. Foi mudando quando passei a ter relacionamentos mais sérios, mais honestos, mais abertos. Então

surge a situação e o assunto é conversado, explicado e ai você vê que não é uma coisa ruim como falavam, como as próprias mulheres falavam. Agora eu não sei como seria essa situação com uma transa passageira. Eu mudei essa imagem com uma pessoa próxima, eu não sei como reagirei com uma outra pessoa, pode ser que volte a sensação.

Que sensação?

De desconforto. Porque é uma coisa que até a nível prático requer intimidade com a pessoa. Eu acho que mudar tudo isso não depende só do esclarecimento do homem, tem também o lado da mulher, do preconceito dela mesma. Porque eu acho que é uma imagem que a mulher passa para o homem. Eu acho até que a mulher usa esse argumento como desculpa quando não está muito a fim de ter relações. E ai o homem não discute, ele não costuma questionar.

ABRINDO AS FRESTAS

Nos últimos anos vem crescendo de maneira relevante a literatura científica sobre a questão mulher. Mas ainda são poucos os espaços abertos para uma história social das mulheres. Dai a importância destes três livros que, rompendo com os preconceitos que consideram o tema secundário, abrem novos caminhos no horizonte historiográfico e feminino.

Isabel Alexandre



“A história das mulheres foi escrita pelos homens” — disse Simone de Beauvoir. Sempre se falou de nós, sobre nós, por nós...

DESENHO DE J. WELLS CHAMPNEY

Quotidiano e Poder em São Paulo no Século XIX, de Maria Odila da S. Dias, Editora Brasiliense, 1984.

É intencionalmente com a questão do feminino, dessa diferença em nome da qual se fez das mulheres escravas de sua própria natureza — sem passado, sem história — que Odila inicia o primeiro parágrafo do livro: “O pressuposto de uma condição feminina, idealidade abstrata e universal, necessariamente a-histórica, empurra as mulheres de qualquer passado para os espaços místicos e sacralizados, onde exerceriam misteres apropriados, à margem dos fatos e ausentes da história.”

A partir daí a autora define as diretrizes de seu trabalho: através do conhecimento e da reconstrução de papéis sociais femininos — no caso os exercidos pelas mulheres de classes oprimidas — e de sua inserção na globalidade do processo histórico de seu tempo, lutar contra mitos, normas e estereótipos e resga-

tar o lugar dessas mulheres na história: exiladas do poder, é certo, mas criadoras de formas sociais próprias.

Ao longo do livro que, pelo seu estilo literário, está longe das exposições convencionais, vai-se mergulhando no cotidiano dessas mulheres que “não eram assalariadas, não tinham propriedade, não gozavam de direitos civis, nem tinham acesso à cidadania política.”

Eram mulheres pobres, brancas, escravas e forras que, na cidade de São Paulo do século passado, contando apenas com a “relativa autonomia dos desclassificados sociais” (por vezes toleradas pelas autoridades, outras vezes agredidas violentamente), exerciam os ofícios mais desconsiderados, como os de: lavadeiras, costureiras, fiandeiras, padeiras, quitandeiras, ganhadeiras (escravas de ganho), vendedoras ambulantes, roceiras, etc..

Sofriam o menosprezo que se nutria na sociedade escravista pelo trabalho manual ou por qualquer outro ofício de

sobrevivência. Mulheres que, na necessidade de “ajeitar as cousas do dia-a-dia”, de improvisar a própria sobrevivência, eram obrigadas a enfrentar uma situação de permanente tensão e conflito: tanto no convívio forçado que mantinham entre si, quanto nas formas de resistência que apresentavam às normas municipais.

Essa miséria urbana onde eram desempenhados papéis informais por mulheres analfabetas e, na sua maioria, vivendo no anonimato, permaneceu calada nos documentos. Daí a dificuldade de o historiador, limitado às fontes escritas, reconstruir esse cotidiano que se escoa, que não é registrado senão pelas suas transgressões. Foi consultando nos arquivos, ocorrências policiais, processos-crimes, papéis avulsos, que Maria Odila conseguiu recuperar nas entrelinhas destes documentos os ecos surdos das tensões vividas por aquelas mulheres.

“O homem na praça e a mulher em casa”

Sistema de Casamento no Brasil Colonial, de Maria Beatriz Nizza da Silva, co-edição T.A. Queiroz e EDUSP, 1984.

Maria Beatriz Nizza da Silva pretende fazer de seu livro o ponto de partida para uma futura história da família no período colonial.

Frente à dificuldade em trabalhar, num sentido amplo, com a noção de família — noção complexa no período colonial, sofrendo variações de acordo com os diferentes grupos sociais, raciais e jurídicos — Maria Beatriz optou por dar início ao seu projeto com o estudo do sistema de casamento ou de co-residência (legítima ou ilegítima). Para tanto, viu-se obrigada a delimitar uma região que lhe servisse de campo para melhor observar o confronto entre as normas estabelecidas (pela Igreja, pelo Estado) e os comportamentos efetivos. A escolha restringiu-se à capitania de São Paulo, pela maior acessibilidade dos arquivos e por ter sido a região menos pesquisada.

Além das normas eclesiásticas, da legislação governamental, das obras dos teólogos, dos moralistas, dos juristas da época, foram também utilizados os adágios, as cantigas populares, os provérbios nos quais o casamento se apresentava como tema frequente e ainda outras séries documentais como processos de divórcio e de nulidade, inventários, testamentos, requerimentos, etc..

O trabalho realizado sobre esta documentação resultou na elaboração de temas que podem contribuir na compreensão da sociedade colonial como um todo e, principalmente na compreensão da condição da mulher no casamento, naquela sociedade como na atual: a sexualidade que lhe era permitida; a honra que precisava preservar; a tarefa de procriar; as violências e acusações que sofria; as queixas e revoltas que levava a efeito. Enfim, condições que tornavam populares adágios como este: “Mãe, que cousa é casar? Filha, fiar, parir e chorar”.

A Condição Feminina no Rio de Janeiro Século XIX, de Miriam Moreira Leite, Editora Hucitec, São Paulo, 1984.

“No Brasil, a moça educada, de boa formação (uma moça muito prendada) é aquela que com um pouco de música e de francês, sabe dançar um solo inglês, sabe bordar, fazer crochê e conhece a difícil arte de descascar, com gosto, uma laranja.” (1825 E. Belman).

Este testemunho a respeito das mulheres brasileiras corresponde a fragmentos de textos escritos por viajantes, que publicaram livros após uma estada no Rio de Janeiro entre 1801 e 1900. Trabalhando com a chamada literatura de viagem, a professora Miriam Moreira Leite organizou em seu livro uma seleção daqueles textos que tratavam de aspectos da condição feminina ou registravam a presença da mulher em situações e atividades diversas.

São lavadeiras, operárias, jornalistas, professoras, fabricantes de flores, escritoras, “mulheres públicas”; negras escravas e livres, mulatas, brancas pobres e ricas; casadas, viúvas, solteiras ou virgens enclausuradas. Mulheres pertencentes a classes sociais distintas, consequentemente submetidas a uma hierarquia de atividades, mas todas limitadas em sua condição feminina.

Foi intenção da autora estimular as múltiplas leituras que os textos podem proporcionar. Daí a sua preocupação em organizar uma antologia de textos e não um trabalho analítico ou interpretativo. De qualquer modo, os textos foram precedidos de explicações, tanto no tocante ao tipo de documentação (suas características, vantagens e desvantagens), quanto aos critérios que nortearam a seleção dos mesmos. Isto faz com que este livro se dirija não apenas aos já iniciados (historiadores ou aprendizes de), mas a todos os que se interessam por uma história da condição feminina.



MAURICIO LAMBERG

ABORTO HOJE

ou, como mudou o Brasil em 4 anos

O que é Aborto, de Danda Prado, Editora Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, São Paulo, 1984.

O tema do aborto tem sido objeto de inúmeros livros no exterior. Entre nós acaba de ser lançado o segundo que trata da questão sob uma ótica feminista. Falo de **O que é Aborto**, de Danda Prado, uma publicação excelente que apresenta com clareza e precisão os elementos essenciais para uma visão abrangente da controvérsia que o envolve. Combinando o relato de casos concretos com informações de caráter mais geral, Danda envolve o leitor numa narrativa fluente e agradável.

A comparação de seu livro com **O que é o Aborto**, que Maria Carneiro da Cunha e eu escrevemos para a Frente de Mulheres Feministas em 1980, é um bom indicador de como a cena política brasileira mudou rapidamente em relação ao aborto nos últimos quatro anos. Para se ter uma idéia de quanto o assunto era tabu naquela época, talvez valha a pena contar a história daquele livro. O manuscrito foi recusado pela Editora Brasiliense, que disse considerá-lo de boa qualidade, porém de natureza não adequada à coleção Primeiros Passos, por tomar partido numa controvérsia. Ficamos contentes quando a Editora Cortez o publicou mas, a esta altura, um tanto amedrontadas, consultamos nosso grupo feminista, a Frente, que resolveu assumir sua autoria. Quatro anos depois,

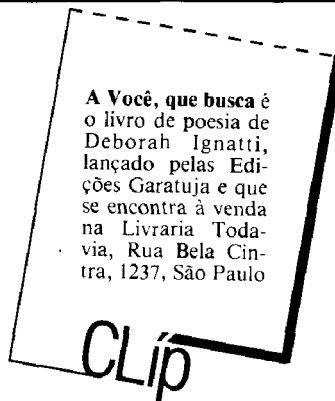
Danda pode começar seu livro tranquilamente afirmando: não sou neutra.

Se o contexto mudou para melhor, o conteúdo também. No livro **O que é o Aborto** nós estamos dialogando exaustivamente com a esquerda, argumentando com a gravidade do problema social, a economia para os serviços de saúde pública que resultaria da descriminalização e conseqüente redução de complicações por aborto mal praticado, a viabilidade política de uma campanha em favor da legalização, apesar da aliança com a Igreja Católica, e a independência em relação a políticas de controle da natalidade. Também apresentamos um histórico da legislação em diversos países e no Brasil em particular.

O livro **O que é Aborto** já pode tratar dessas questões rapidamente para dar mais ênfase a alguns pontos tratados apenas superficialmente no livro anterior: a associação da proibição do aborto com as idéias predominantes sobre a sexualidade em nossa cultura, a importante discussão sobre a quem pertence o feto, e a análise das causas que levam a uma gravidez indesejada.

Ambos os livros dão atenção às posições das religiões sobre o aborto — tema que continua atual. Há uma outra importante questão que os dois livros abordam, mas que mereceria estudo mais cuidadoso: as condições sociais e culturais que dificultam a opção livre pela maternidade. Tomara que apareça logo um terceiro livro da qualidade deste!

Carmen Barroso



NO FEMININO

Pelos Pelos, de Alice Ruiz, Editora Brasiliense, São Paulo, 1984

Essa Alice não é do país das maravilhas. Ao contrário, mora ali mesmo em Curitiba, longe do eixo Rio-São Paulo, onde se concentra a maior parte de nossa produção cultural. Mas faz maravilhas com seus versos curtos, "hai-kai tamanhos", agora reunidos em livro na ótima coleção "Cantadas Literárias", da Editora Brasiliense.

Em seus poemas, Alice Ruiz economiza em palavras — os versos são diretos, concisos, secos, resultando num livro pequenininho — mas esbanja em talento, transborda em magia ao transformar seu (nosso) cotidiano de mulheres em poesia bonita, boa de ser lida e relida. Quer ver?

Olha só como ela expressa sem pudor nossa sexualidade recém-descoberta:

boca da noite

na calada grandes em silêncio lábios

se abrem em sim

Ou como retrata nosso dia-a-dia de cinderelas:

sou uma moça polida
levando
uma vida lascada
cada instante
pinta um grilo
por cima
da minha sacada

Ou como brinca com as "agruras" da maternidade:

o ai
quando um filho
juro

Na autobiografia, no final do livro, a gente fica gostando ainda mais de Alice, 38 anos, curitibana filha de alemão e de espanhola, mulher do poeta Paulo Leminski, mãe do Miguel, Aurea e Estrela. Diz ela: "Sou drop-out de cursinhos de vestibular, fiz um pouco de teatro e estudei astrologia, por conta própria. Por extensão, me debrucei também sobre todas as outras ciências ocultas. Estudei também a condição da mulher e coloquei o ensaísmo jornalístico a serviço da causa, por algum tempo. Atualmente estudo dança e continuo mantendo os olhos bem abertos para a poesia, onde quer que ela se manifeste."

E nós, a partir desse livro, vamos ficar de olhos bem abertos pra tudo que Alice lançar, devolvendo pra ela um de seus poemas:

gosto à beça
esse coração
na tua cabeça.

Adélia Borges

A CRISE

NO DIÁRIO DE GABEIRA

Diário da Crise, de Fernando Gabeira. Rio de Janeiro, Rocco, 1984

O Diário da Crise começa com a própria apresentação do livro: em papel jornal, para tentar baratear os custos, sem deixar de buscar um "bonito diferente". Representa um novo tipo de trabalho do escritor e jornalista, ex-guerrilheiro e exilado político, que chocou o país em 79, com sua tanga roxa de crochê e suas memórias de aventuras revolucionárias.

O Diário é a reunião de artigos publicados na Folha de São Paulo, em 84, e "sínteses de conferências e reflexões sobre a crise brasileira". A linguagem flui deliciosamente por temas que vão da ditadura militar (ponto de partida para sua reflexão) à análise das relações sentimentais nos últimos anos.

Mas, "o que é política do corpo? O sistema usa o corpo para estimular o consumo? Preocupação com o corpo não enfraquece as aspirações de mudança social? Existe um narcisismo moderno? É doença?" Essas são algumas interrogações que abrem a discussão em torno da "revolução do corpo".

Ora, pessoalmente, Gabeira nunca te-

ve dúvidas quanto aos benefícios que as técnicas corporais proporcionaram à sua participação política cotidiana. Debates e entrevistas não faltaram. Sobraram? O culto do corpo se insere numa política que ultrapassou seus próprios limites. O capitalismo descobriu nova fonte de lucro e o prazer virou obrigação. A esquerda perdeu o rumo de casa com a descoberta de que o indivíduo existia. As mulheres que, historicamente tiveram seus corpos manipulados, afirmaram sua autonomia e reivindicaram o aborto. No Brasil, a coisa ficou mais complicada: a repressão cultural do corpo esbarra em índices alarmantes de abortos clandestinos, consumo exagerado de remédios e ausência de uma consciência sexual, onde principalmente os adolescentes e os homossexuais "coexistem com a hipocrisia do Estado, da Igreja e da Escola". O balanço final não foi positivo? O autor faz a autocritica: seu "desejo de ser admirado" cegou as estratégias do marketing, que não dorme no ponto. Mas, a consciência do corpo e a afirmação da liberdade representam, sem dúvi-

da, um belo saldo na proposta de transformações sociais.

"Sobre Trompas e Esperanças" é um artigo que aborda o trabalho do SOS-Corpo, do Recife, e marca um novo posicionamento do escritor diante da questão do planejamento familiar. Transparece sua empolgação e força a uma nova perspectiva de se fazer o controle da fertilidade e trabalhar com a realidade brasileira.

Carnaval, violência urbana, situação nos presídios, papel da imprensa, drogas, seca no sertão do Nordeste e surto de conjuntivite no Rio. Rápidas pinceladas na paisagem brasileira. Destaque: movimento pelas eleições diretas. Comícios, emoções, correspondência direta de Brasília, esperanças, decepções. Reflexão.

O livro tem a cara da crise (capa de Jéjo Cornelissen). A cara do Brasil 84, fervilhando de agitações políticas e sociais, tentativa de participação e organização popular, loucura e busca de saídas criativas.

Ivany Buzzo

MITOS

Envelhecer é que é o problema

“Brigitte Bardot tá ficando velha”

Muito mais uma personagem da mitologia ou da sociologia do que do cinema propriamente dito, conforme o *Dictionnaire du cinéma*, Larousse, 1963. É Brigitte Bardot, um rosto e um corpo, um tipo feminino que correspondeu às fantasias e aspirações de uma época. Como Sophia Loren, completou 50 anos de vida em setembro último. Ambas tem em comum o fato de que, através do cinema, transformaram-se em mulheres com quem todos-os-homens-sonham e de quem todas-as-outras-mulheres-têm-inveja. Loren, a exacerbação do feminino, curvas e ondulações. Bardot, mais esguia, um meio-termo entre Twiggy, menino-menina e Loren, mulher.

Lembro-me de uma entrevista com BB em que ela conta ter sido agredida num elevador, sem mais nem menos, por uma mulher desconhecida que lhe apontava um garfo e dizia toda sorte de improperios. BB foi uma afronta para os conservadores de sua época, pela naturalidade com que se comportava sexualmente, à vontade na tela e na vida. Como mulhemitito, era condenada e venerada com a mesma veemência. Com este peso, ela nunca soube arcar.

Bem nascida, Brigitte viveu mal. Tentou suicídio. Sua vida amorosa foi (é) uma sucessão de relações efêmeras. Ela mesma declara gostar dos homens, mas não suportá-los por muito tempo. Ser mãe foi uma tarefa que ela não assumiu. Seu filho, hoje com 24 anos, é quase um estranho para ela. Foi criticadíssima por tê-lo abandonado. Este pecado nossa sociedade não perdoa. Recentemente, em entrevista à televisão, declarou que no momento em que nasceu seu filho, era ela quem precisava de cuidados, de uma mãe. Assim perdida e carente parece ter levado a vida, pelo menos até abandonar o cinema. Solitária, comemorou os 50 anos no isolamento de sua casa em Saint-Tropez, onde vive cercada de bichos.

Nem todas são lágrimas

Destino menos amargo acompanhou a vida de outros desses mitos. Sophia Loren, depois de passar fome na infância, diz ter encontrado alguma serenidade. De sua ligação com o produtor Carlo Ponti, (25 anos mais velho que ela), teve 2 filhos. Neles, Sophia declara encontrar a energia que a mantém jovem e bem disposta. O mundo todo acompanhou sua batalha para ser mãe. Desafiou médicos notórios que a julgavam estéril e, depois de vários abortos, passou uma gravidez inteira imobilizada para dar à luz seu primeiro filho, em 1966.

Claudia Cardinale, aos 45 anos, diz sentir-se melhor do que nunca. Nesta idade, segundo ela, “há mais possibilidade de se encontrar bons papéis dramáticos e não apenas as comédias que exploram a beleza das atrizes”.

O peso do mito parece ser contrabalançado pelo profissionalismo com que as atrizes encaram sua carreira artística. A gratificação do trabalho parece impedi-las de sucumbirem ao vazio do mito. Assim foi com Sophia, Claudia e tantas outras. Amadureceram sem se deixar esmagar por uma imagem criada em torno de sua beleza. Envelhecem com mais tranquilidade e enfrentam esse penoso processo de envelhecimento fazendo com que seu sucesso reverta em seu próprio benefício, sem engulir-las. Serenidade que vem de uma vida amorosa e/ou profissional gratificantes, como qualquer um dos mortais.

Brigitte, essa mulher imitada pelas adolescentes do mundo inteiro que copiavam seus penteados e vestidos, confessa ter feito cinema sem paixão: “era uma vida cansativa, que me deu alegrias

materiais, mas também um terrível desequilíbrio emocional”. Escolheu outro caminho. Largou o cinema aos 39 anos e dedica-se atualmente a proteger a fauna do mundo todo. Refugiou-se nos animais.

Ao contrário de Greta Garbo, esta geração de mitos não esconde o rosto. Muitas não querem saber de fazer plástica, nem se submetem a sacrifícios exorbitantes para se manterem jovens. Envelhecer é um processo mais sereno para algumas, apesar de vivermos hoje o fenômeno das Jane Fondas, que transformam a vida numa eterna “performance”. Fazem dieta, ginástica, musculação, esticam-se e contorcem-se o quanto podem para evitar as marcas dos anos e da vida. Seguem as regras de um jogo que só não destrói quem consegue sair dessa. Isto, não só para os mitos, mas para quem os transforma em espelhos e vê a si própria através dessa imagem transfigurada.

• letra de música do Tom 74

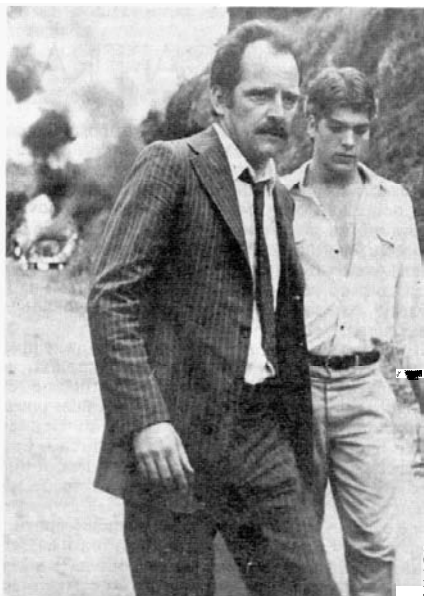
Cynthia Sartl



Aos 20, “a plena juventude”, aos 30 a “glória da maturidade”, aos 50... o mito está velho, como qualquer mortal.



Nunca fomos tão infelizes



Fogo no carro e água fria no espectador

Nunca Fomos tão felizes — Direção de Murilo Salles. Com Cláudio Marzo, Roberto Bataglin, Suzana Vieira.

Este é um filme premiado, elogiado, e no entanto, ai de nós espectadores se este tipo de cinema pegar. Um cinema econômico, de imagens nuas, sofisticadas só por obra de uma boa e precisa câmera, mas econômico sobretudo em significados. Tratando de um amor clandestino entre pai e filho, o filme também é todo ele clandestino, bisonho, parco em falas, mudo e queda como se obriga a ser o pai, envolvido na luta armada, e é seu filho Gabriel.

Catatônicos também ficaram os jovens daquela época, muitos ainda permanecem, como convém aliás aos status quo. Há tantas histórias para contar dos idos de setenta e, por ironia ou perversidade da História, o cinema, o teatro, a literatura não é capaz de contá-las como deveria, mas somente aludir a elas. É o caso deste filme, onde as imagens gêmeas, a trilha sonora arrastada, os personagens, os poucos diálogos, os sons, têm um poder evocativo mínimo, quase nulo, de tal forma que, é fácil suspeitar, um jovem de 25 anos terá tênues indicações de que tudo se passa naquela década e não em outra, bem como todas as cenas serão de fácil entendimento para um europeu, porque o que há de mais brasileiro é a língua (pouco usada),

e parte da baía de Guanabara como eventual pano de fundo.

Com a condensação daqueles anos de terror e amargura no vago psiquismo e sexualidade de um adolescente, mais uma vez se coloca, inadvertidamente, uma pá de cal naquela época que muitos, e de muitos lados, querem esquecer e sobre a qual muitos mais não sabem absolutamente nada. Murilo Salles é um exemplo claro da tal memória nacional atrofiada, pois não consegue — ou não quer? — reproduzir nem o mundo demente em que viviam, vencidos, os que fantasiavam sobre a revolução e a guerrilha urbana, nem o mundo oposto, ufanista, do Brasil-Grande, verde-amarelo, do “Ame-o ou deixe-o”, da classe média — quase toda ela — batendo palmas para, e lambendo as botas de.

A orfandade é pois, geral: a de Gabriel (o filho), a de seu pai, e principalmente a do diretor, e do cinema-pátrio. Há porém uma cena belíssima, a do filho sacudindo com raiva o pai morto, que só então, naquele minuto, deixou de ser para ele pouco mais que uma fotografia. É a única cena que de certa forma redime o desperdício de filme virgem, num deserto de idéias e de sentimentos, do qual, infelizmente, parecem não ter escapado os novos cineastas.

Marcia Mendes de Almeida

TEVE GALÃS

Diga-me com quem sonhas...

O galã é para a mulher o que a garota sexy e linda do vídeo é para o homem: o imaginário de seu desejo, seu sonho e sua evasão.

Em conversa com Leilah Assunção e Helena Silveira concluímos rindo que a mulher sonha com Robert Redford, passa para Tarcísio Meira e acaba se conformando com Costinha. E no sexo? A mulher que sonhava com King Kong, o Super Macho de falus erecto e agressivo, acaba aceitando muito menos do que isso. O imaginário feminino está infiltrado do culto ao poder e à dominação e uma de suas expectativas seria a de se apresentar como "prazeirosamente vítima". O culto do príncipe encantado "sempre impediu o confronto satisfatório da mulher com a sua realidade, não desprezando, é claro, a necessidade de sonhar que todo ser humano tem".

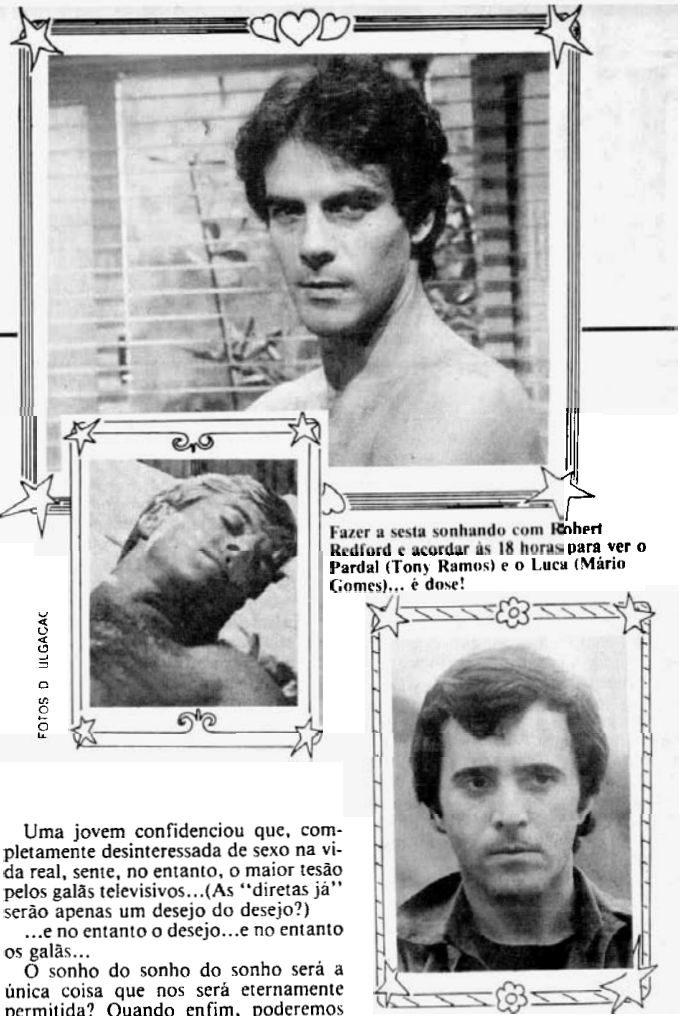
O desejo do desejo

Hoje vemos que, se muita coisa permanece, algo mudou. Nesse momento as novelas *Livre para Voar*, *Vereda Tropical* e *Corpo a Corpo* da TV Globo apresentam entre outros super galãs, jovens, modernos e atuais: Tony Ramos, Mário Gomes e Antonio Fagundes são bonitos e charmosos. Curiosamente, são pobres e não tem status. Em *Partido Alto*, Cláudio Marzo, o professor Mauricio

era até de esquerda. As mulheres, muitas vezes, são mais ricas do que eles. Algo mudou, portanto. O quê?

Pensamos na mobilidade social que, do milagre econômico para cá, tornou possível a relação de mulheres de classe mais alta com homens mais modestos, embora isso seja ainda de grande relatividade. Some-se a este fato a emancipação relativa da mulher que a fez sair de casa e ter contato com muito mais gente, mais homens. Também ela não é mais a menina de quinze anos que casa com o homem muito mais velho. Ela namora rapazes mais ou menos da sua idade. Além do que, o prazer é procurado por quase todos. A beleza que o homem exigia da mulher hoje é desejo também da mulher em relação ao homem.

Entretanto, a permanência das musas e dos galãs mostram que o desejo, em nossa sociedade, ainda é para ser unicamente desejado... e não realizado. O desejo do desejo, como diz Helène Cixous, que mantém as pessoas conformadas. A televisão manipula esse desejo, organizando a vida sexual e imaginária. A não reivindicação da realização do desejo torna possível a passividade em todos os campos. Um povo que não batalha pela realização de seu desejo, dificilmente batalhara por exigências econômicas, sociais e políticas. Os costumes precisam mudar para que a vida, como um todo, possa se transformar.



Fazer a sesta sonhando com Robert Redford e acordar às 18 horas para ver o Pardal (Tony Ramos) e o Luca (Mário Gomes)... é dose!

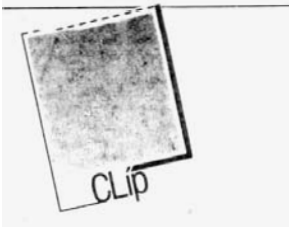
FOTOS: D. ULLGACAC

Uma jovem confidenciou que, completamente desinteressada de sexo na vida real, sente, no entanto, o maior tesão pelos galãs televisivos... (As "diretas já" serão apenas um desejo do desejo?)

...e no entanto o desejo... e no entanto os galãs...

O sonho do sonho do sonho será a única coisa que nos será eternamente permitida? Quando enfim, poderemos dizer: os galãs, ora os galãs!

Anésia Pacheco Chaves



Orgasmo de volta!



DIVULGAÇÃO

Ôba! Volta a cartaz em São Paulo a peça **O Orgasmo adulto** Escapa do Zoológico, de Dario Fo e Franco Rame. Contracenando, Denise Stoklos e Miguel Magno. E agora o ingresso custa só Cr\$5.000! No Assobradado T.B.C.



DIVULGAÇÃO

A morte de Alberta Hunter, a rainha do 'blues', na madrugada do dia 24 de outubro ocupou as manchetes de todos os jornais das grandes capitais do mundo não pela surpresa, mas pela grande perda que representou o emudecer dessa voz rouca e arrebatadora.

Na verdade, a grande surpresa consistiu na energia que essa "garotinha" de

APOSENTADA, MAS INESQUECÍVEL

89 anos esbanjou até seus últimos meses de vida, em apresentações extraordinárias nos Estados Unidos e mesmo em turnês internacionais (que incluíram o Brasil por duas vezes, em menos de um ano).

Tal era a garra e vivacidade dessa grande intérprete (e não menos elogiada compositora), que a morte não poderia causar-lhe alarde. Veio de mansinho, no meio do sono, natural como ela própria a encarava.

Para o mundo do jazz, do Blues'n'Soul, uma lacuna irreparável. Sobretudo, um brilho a menos na galeria das grandes personalidades femininas. Sua história é de luta e resistência, sempre sob a pele de minoria oprimida: como mulher, como negra e até como "jiosa"...

Nascida em 1º de abril de 1895, a primeira "peça" que pregou nos pais — além do próprio nascimento não esperado — foi a fuga de casa para Chicago, aos oito anos de idade. A primeira composição, "Downhearted Blues", datava do ano anterior e a vontade de cantar é que arrancou-a de Memphis. Com 11 anos se apresentava pela primeira vez em público no Dago Frank's, descoberta em

seguida pelo famoso Dreamland Cafe (conhecido como o "berço de ouro do jazz") de onde se lançou para o grande desafio dos músicos americanos: New York City. Lá, apresentou-se poucas vezes e em 1923 acabou se casando. Alberta era muito agitada e não se deu muito bem como dona de casa. O casamento teve vida curta.

Depois da separação, alguns anos na Europa valeram-lhe o aprimoramento musical e a fluência em seis idiomas. De volta aos Estados Unidos, consolidou seu sucesso. Durante a 2ª Guerra e a da Coreia, cantava para as tropas, transformando-se na musa negra "da voz de veludo", para exércitos de quase todo o mundo.

Em 54, com a morte da mãe, resolveu abandonar a música, dedicando-se à enfermagem por vinte anos, após 3 de estudos. "Eu adorava ser enfermeira", declarou — "e ainda estaria lá, se eles não tivessem exigido a minha aposentadoria".

Foi em 77, depois de uma festa na casa de Bobby Short, que os amigos convenceram Alberta a voltar ao "show-bizz". Ela recomeçou no clube noturno de Gerald Cook e no final do mesmo ano, compunha e interpretava a música-tema do filme "Remember My Name" de Robert Altman. Desde então, reconquistou seu trono, gravando dezenas de outros sucessos e viajando com eles. Até que a "aposentadoria divina" alcançou-a também.

Renata Figueira de Mello

COSTA RICA

Albergue para mulheres espancadas

A estatística de que em 75% dos casais da Costa Rica há violência física ou psicológica contra a mulher fez com que se abrisse em São José um albergue para a mulher agredida, orientado para a população marginalizada.

Nesse albergue as mulheres ficam três semanas, no máximo. E são atendidas por uma psicóloga, uma assistente social e um advogado. Como parte da orientação que recebem, as mulheres são instruídas para que denunciem seu caso a um juiz, coisa que raramente fazem com medo das consequências sociais e econômicas para suas famílias. Mas, das 290 mulheres atendidas no albergue, 240 apresentaram queixa judicial.

Embora a legislação costa-riquenha seja igualitária, a maioria das mulheres desconhece seus direitos e as sanções legais a homens violentos são muito brandas: em muitos casos limita-se a uma multa de 10 dólares. (OIM-IPS)

Greve de fome

Dia 22 de outubro começou, em São José da Costa Rica, uma greve de fome organizada pelo COPAN (Comitê Patriótico Nacional) com a finalidade de obter soluções realistas para o problema de habitação no país. O COPAN, reúne mais de 20 mil pessoas organizadas na luta pelo direito à habitação, alimentação e saúde, sendo 85% mulheres. Na Costa Rica, grande parte das famílias são chefiadas por mulheres que, agora, se decidiram por uma ação não violenta para protestar contra o Estado que, às vésperas da campanha eleitoral, está desviando as verbas dos alojamentos e alimentação para financiar o partido no poder.

O início da greve contou com uma repressão governamental violenta: prisões, torturas, ameaças de penas severas e até de mortes. Medidas de força para manter uma aparência de paz e de democracia modelo por resto do mundo...

A Associação Solidariedade com a Costa Rica com sede em Genebra pede para que sejam enviados telegramas ao presidente, ministérios ou assembleia legislativa, com cópias remetidas para: 16, rue de la Canonnière, 1202, Genebra, Suíça.

Precocidade à italiana

As adolescentes italianas encabeçam a lista de "precoce" quanto à idade em que têm a primeira relação sexual. Na frente das francesas, inglesas e americanas, as italianas começam sua vida sexual aos 16 anos em média, embora em cidades como Roma, Milão e Turim, a média chegue aos 13 e 14 anos atingindo até os 10, 12 anos.

Esses dados foram apresentados num seminário sobre "Adolescência, Sexualidade, Instituições", que aconteceu em Roma, promovido pela União Italiana de Educação Matrimonial e Prematrimonial (UIEMP) e o Comitê Romano de Educação Sexual (CRES).

Durante o Seminário apontou-se que apenas 1,8% das italianas chegam virgens aos 20 anos. E também que 70% das adolescentes passa pelo menos um ano antes de utilizar algum método anticoncepcional, por falta de confiança nos adultos, medo de não ser



Estelle Winwood

A atriz inglesa Estelle Winwood fez 100 anos em 1983. Ela bebe sherry, fuma três pacotes de cigarros por dia e joga bridge três vezes por semana. Quando Reagan e Elizabeth II mandaram parabéns pelo seu aniversário, ela comentou: "Quem é que quer ter 100 anos? Não me importa morrer. Pelo menos deve ser uma coisa nova."

compreendida, medo da consulta ginecológica, dos anticoncepcionais.

Ironias da história. Quinze dias antes, o Parlamento italiano aprovou uma lei sobre violência sexual que prevê que relação sexual entre menores de 18 anos, mesmo quando desejada pelos parceiros, é crime!

Mude de presente neste Natal. Presenteie com LEIA

Presentar com assinaturas de publicações como o LEIA já se tornou usual em muitos países. Os amigos gostam e ainda lembram de você o ano inteiro, pois este é um presente que se renova a cada mês.

Aproveite nossa promoção de Natal: dê LEIA de presente aos seus amigos e ganhe descontos proporcionais ao número de assinaturas: a primeira assinatura é Cr\$ 18.000, a segunda é Cr\$ 15.000, a terceira é de Cr\$ 9.000 e a quarta de Cr\$ 5.400.

Seus amigos receberão imediatamente o primeiro exemplar da assinatura junto com um cartão anunciando o Novo Ano com Novo LEIA e revelando quem deu o presente.



Assine pelo telefone (011) 815-3755 ou escreva à Cia Editora Joruês
Rua Pinheiros 928 cep 05422 SP



Até tu, Marquesa?

2 de novembro, dia dos mortos. Um bom dia para ir ao cemitério, pensar sobre a morte e os mortos, e ver como os vivos lidam com um dos maiores mistérios da vida.

A alguns metros do "cruzeiro" onde são oferecidas velas, moedas, pinga e mesmo pequenas estátuas a Exu, está a tumba do menino Agostinho, morto aos 11 anos de idade, aparentemente distribuindo pequenos milagres para senhoras de olhar suplicante e mãos retorcidas que cobrem o túmulo de flores, deixam doces para o menino e pequenos papéis onde escrevem a graça solicitada ou agradecem a graça alcançada ("quero trocar meu sírio por um apartamento em São Paulo, se tudo der certo, fico eternamente grata...")

Os homens se reúnem no outro lado do cemitério. Eles não costumam esperar muita coisa de garotos beatos, mas buscam apoio em velhas senhoras que poderiam ser suas mães ou avós. Neste caso particular, já há uma corrente constante de senhores e jovens de terno e gravata, cabelo à militar, rosário na mão, tomando conta e rezando em frente ao túmulo da mãe do presidente da TFP ("a pseudo-beata", como disse o bem-humorado administrador do cemitério). Há sempre dois, três, cinco, e às vezes vários microônibus cheio deles — reuniões especiais para invocar o espírito da grande mãe? Parece que mulheres não são convidadas para essa celebração.

Não muito distante da grande-mãe dos homens, quase na avenida central do cemitério, um túmulo simples, de pedra branca, encimado por um anjo solitário,

com uma inscrição quase ilegível: "lajizo perpétuo dos restos mortais da Marquesa de Santos e Viscondessa de Castro". Não tão frequentado como os outros, mas com uma clientela muito peculiar: senhoras e senhoritas que já passaram da idade e, segundo o boato corrente, prostitutas, que vão pedir à bem sucedida Marquesa coisa tão simples e, ao mesmo tempo tão difícil nos dias que correm: proteção no trabalho e um marido ou, pelo menos, um namoradinho.

Essa Marquesa, "a amante apaixonada do nosso Imperador", parece ter sido, na vida real, uma mulher ambiciosa e boa de política, que soube se aliar e se casar ou tornar-se amante do homem certo na hora certa. Morreu com uma das maiores fortunas de São Paulo, casadinha com o Brigadeiro Tobias e deixou toda sua grana para financiar a campanha do Brasil na Guerra do Paraguai.

Notícias recentes nos jornais falam de um movimento liderado pelos fiéis da Igreja Católica Apostólica de Jerusalém para que ela vire santa...

Entretanto, o mito permanece. E no nosso século XX tropical, até a Marquesa de Santos pode fazer o papel de Santo Antônio e ajudar jovens a encontrar seus príncipes encantados, prostitutas a se tornar tão bem-sucedidas quanto ela...

Por fim, um mistério: perdida entre velhas sepulturas, uma lápide com a seguinte inscrição: "aqui jaz fulana de tal, etc... a família deseja que sua alma não seja mais reencarnada". O que será que ela andou aprontando por aqui? (Ines Rieder)

SÃO PAULO

Seminário de Política

Realizou-se em São Paulo nos dias 27 e 28 do mês de outubro, o Seminário Nacional "Mulher e Política". Organizado por uma comissão e coordenado pela deputada Ruth Escobar (PMDB), o evento se dividiu em quatro painéis com debates, com a participação de 400 mulheres de todo o país, além de delegadas da Argentina, Bolívia e Irlanda.

Os temas do Seminário foram Mulher e Política, Mulher e Igreja, Movimento de Mulheres e Partidos Políticos e Mulher e a Sucessão Presidencial.

Ao final dos trabalhos, com a presença do governador de São Paulo Franco Montoro, foi aprovado um manifesto alertando o povo brasileiro contra as tentativas de desestabilização do processo de redemocratização da sociedade brasileira.

E também foi aprovada uma síntese das principais reivindicações das mulheres, dentre as quais a imediata aprovação pelo Senado do novo Código Civil, a modernização do Código Penal, a implantação de uma política de assistência integral à saúde da mulher, a defesa intransigente da autonomia do movimento de mulheres, a elaboração de leis que impeçam a discriminação da mulher negra, uma regulamentação da CLT sobre a criação de creches e, finalmente, a criação de Conselho Nacional de Mulheres. (Zuleika Alambert)

Preparação da Conferência de Nairóbi

Peccado de Cuba

em Havana durante três dias de 39 países se reuniram no Fórum das Organizações Não Gubernamentais da América Latina e Caribe

que vem, em Nairóbi. Divididas em sete grupos, discutimos a situação da mulher no emprego e na educação; no processo de desenvolvimento; na luta pela paz; nas áreas rurais; na saúde, sexualidade e direitos reprodutivos; nos meios de comunicação; e ainda os problemas das jovens.

Para nós, agora, uma tarefa: divulgar e debater o relatório final e preparar nossa participação em Nairóbi. (Zuleika Alambert)

Leia e Assine PRESENÇA, um espaço pluralista para pensar o Brasil, a democracia e o socialismo.

Assinatura anual (4 números) - Cr\$ 20.000,00
Numeros avulsos nas livrarias

Nome _____

End. _____

Bairro _____

CEP _____

Cidade _____

Estado _____

data _____

Assinatura _____

cheques para Editora Caetés, Av. Rebouças, 1104, conj. 42
CEP 05402 - São Paulo - SP

PRESENÇA

escola e trabalho
creche
professores
política educacional
discriminação
família
universidade
educação sexual

próximo a:
ALFABETIZAÇÃO

Você encontra tudo isso em

CADERNOS DE PESQUISA

Assinatura: Cr\$ 18.000,00 n° avulso Cr\$ 5.000,00
Pedidos com cheque nominal à Fundação Carlos Chagas
Av. Prof. Francisco Morato, 1565, CEP 05513, São Paulo, SP

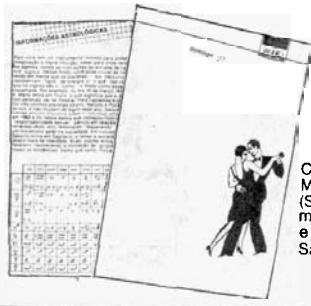
SAGITÁRIO E CAPRICÓRNIO TEM 5% DE DESCONTO!

CAPRICHOS À TOA,

O Bazar de roupas e presentes artesanais, estará aberto para você todos os dias (inclusive sábados e domingos), das 12 às 20h, até o dia 24/12 próximo.

Rua Cristiano Vianna, 462 Pinheiros

Bela, fofa e inteligente



AGENDA 1985

UM PRESENTÃO

CIM (Centro Informação Mulher) Tel. 229-4818 SÓF (Serviço de Orientação Familiar) Tels. 521-9822 e 297-0703 São Paulo

PREÇO: Cr\$ 6.000.

PARA ANUNCIAR, LIGUE:

8
8
1
—
0
0
8
1



CLASSIFICADOS

Zulaê Cobra Ribeiro, Advogada Criminal. Telefone (011) 35-1002 - Endereço: Rua Tabatinguera, 93, 2º andar, conj. 22, SP.

Margareth Martha Arilha, Psicóloga. Atendimento de adultos, de 2ª a 6ª feira, a partir das 14 horas. R. Caracas 48, Jardim Paulista, São Paulo.

Parlez-vous français? Se você quer aprender francês com um simpático suíço (que fala português) é só telefonar para Stefan, 814-5767 e marcar dia, hora e local. E, claro, combinar preço.

Faço traduções - Inglês e alemão - gosto de trabalhar com assuntos ligados ao movimento feminista, política e literatura. Telefone para Ines, no número 276-8160 (das 11:00 às 15:00h).

Cartões em aquarela — alternativa para este Natal e Ano Novo.

Desenhos em bico de pena e grafite, ilustração e arte final. Anna — tel. 62.

Claire Bretecher, desenhista de vanguarda. Francesa. 43 anos, considerada "nossa maior socióloga viva" por Roland Barthes.

O Primeiro Tampão

por Claire Bretecher

